

ILUSTRAÇÃO



5.º ANO

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1930

PREÇO

NÚMERO 100

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

4\$00

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Única colecção do género existente em língua portuguesa,
e tão proficientemente organizada como as melhores que
existem no estrangeiro, ela abrange tôdas as artes e ofi-
cios. O seu último volume posto à venda é o

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMOVEIS

Nova edição, ainda com mais gravuras do que a primeira
e versando já os mais modernos aperfeiçoamentos
introduzidos na indústria automobilista

— ■ —

Livro escrito por uma autoridade no assunto e que muito
se avanta, na soma dos conhecimentos e na cla-
reza da sua exposição, a todos os congéneres
até agora publicados

— ■ —

Mais de 600 páginas e perto de 700 gravuras

OUTROS VOLUMES RECENTES:

FÍSICA ELEMENTAR

pelo cap. VALDEZ BANDEIRA e segundo o programa
das Escolas Industriais

ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE

de que é autor o ilustre prof. e pintor J. RIBEIRO CRISTINO
DA SILVA

Um volume de 710 páginas, com 641 gravuras
encadernado em percalina. 40\$00

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 = LISBOA

RADIO TELEFUNKEN

O «NON PLUS ULTRA» DO «RADIO»

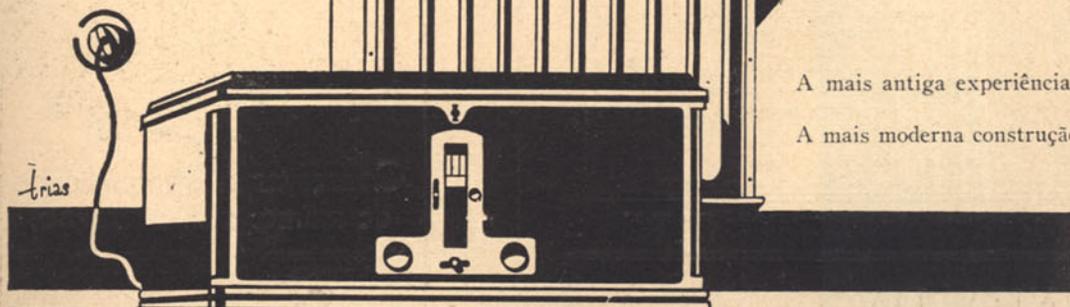
TELEFUNKEN 40

com selecção das estações europeias por kilociclos; liga-se directamente à corrente de iluminação. Sem antena exterior. Peça folheto e demonstração a tôdas as casas de material de «rádio»



A mais antiga experiência

A mais moderna construção



TELEFUNKEN

AEG

SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A. F. G.

LISBOA — RUA DOS FANQUEIROS, 12-16

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 209-215

EM 70 DIAS E 70 NOITES

86.439 QUILÓMETROS PERCORRIDOS

86.439 quilómetros sem uma só paragem do motor, seja, como distancia, duas vezes a volta da terra e equivalente a cinco anos de serviço normal. Tudo isto em algumas semanas. Eis o esforço brilhante que acaba de fazer no «AUTODROMO D'AVUS», perto de Berlim, um automovel «CHRYSLER 65» de condução interior de duas portas, rigorosamente da série dos seus mais pequenos detalhes. Este facto não constitui uma tentativa contra qualquer ou muitos records de velocidade, mas é prova estabelecida, de baixo da fiscalização dos Engenheiros, a uma velocidade média de turismo de 52 quilómetros 19 a hora, das extraordinárias qualidades deste carro. Esta demonstração foi interrompida bruscamente por um acidente que se deu durante a noite no meio de

um nevoeiro densissimo, quando para evitar um outro veiculo, o carro teve de subir um talude voltando-se sem que um só vidro se partisse pelo que foi de novo posto na sua posição normal e o motor trabalhou de novo.

70 dias e 70 noites sem parar, um acidente sem consequências de maior e o motor gira sempre. Eis bem o que demonstra a boa qualidade do CHRYSLER.

O Automovel CHRYSLER no seu record da mais longa distancia, bate ainda de muitas dezenas de milhares de quilómetros todas as precedentes tentativas.

PORQUE NÃO
EXPERIMENTA
V. EX.^A HOJE
MESMO UM

CHRYSLER?

A. BEAUVALET, Rua 1.º de Dezembro (Avenida Palace) — LISBOA e Rua de Santa Catarina, 130-2.º — PORTO

Chrysler Motors Detroit, Michigan

CONSELHO DE AMIGO



V. Exa que tem a pela fina e a barba dura, sirva-se todos os dias do sabão para barba de GELLÉ FRÈRES, PARIS.

Faz muita espuma, não seca sobre a pele e deixa depois da barba uma agradável sensação de frescura.

Barbear-se com o sabão de GELLÉ FRÈRES tornase um versadeiro prazer.

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C. LIDA 119, RUA DA MADALENA LISBOA

REPRESENTANTE NO PORTO: LUIS VEIGA — RUA DAS FLORES, 192, 1.º

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: MADAME CAMPOS

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA



Conservar a tranquillidade
de animo, sem alteração,

em horas tormentosas, mostrar a força dos seus nervos é ser senhor do mundo. Não desesperar, conservar o socego de espirito, são as condições primaciaes para conduzir cada um o seu destino.

Esta energia e socego de espirito são produzidos pelos

Comprimidos de

Adalina

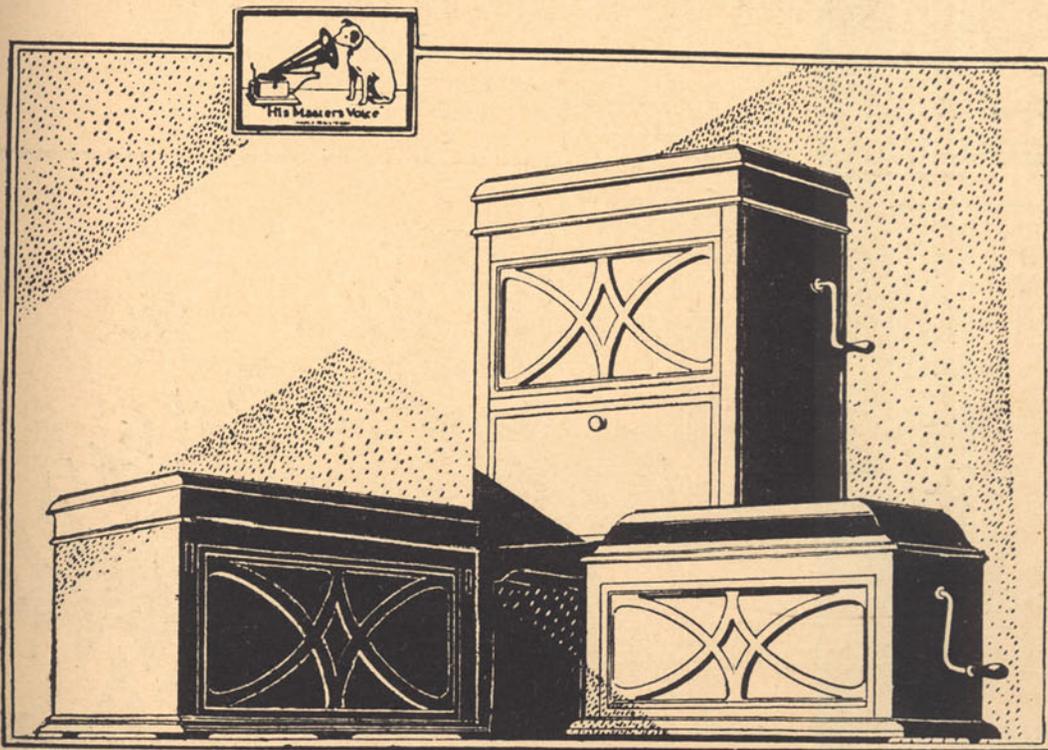
Os comprimidos de Adalina são um producto de confiança da Casa Bayer e ensaiado por milhares de medicos. Informe-se com o seu medico!

TRÊS NOVOS MODÊLOS

MAIS BARATOS

Os modelos de mesa números 104 e 130, elegantíssimos de aspecto e com ótimas condições de reprodução; vão munidos de uma nova câmara acústica "His Master's Voice", com braço girando sobre esferas e diafragma número 5-A. O modelo número 104 (máquina de uma corda): em mogno, Esc. 1.600\$00; em carvalho, Esc. 1.500\$00. O número 130 (máquina de duas cordas): em mogno, Esc. 2.100\$00; em carvalho, Esc. 1.900\$00.

O aparelho vertical número 145 tem tôdas as qualidades dos grandes aparelhos verticais. O móvel, mais simples e mais pequeno, permite que se ofereça o aparelho a um preço mais baixo: em mogno, Esc. 3.200\$00; em carvalho, Esc. 3.000\$00.



As três grandes criações da "His Master's Voice"

"HIS MASTER'S VOICE"

GRANDE BAZAR DO PORTO, LDA.

Lisboa

Rua Augusta, 150-152

Porto

Rua de Sta. Catarina, 192-198

ASSIM COMO O SOL NASCENTE

faz desaparecer as sombras da noite, da mesma forma a Cafiaspirina afugenta os espiritos malignos da dôr. Ao enfermo presta alivio e bem estar. As suas excelentes qualidades para combater as dôres de cabeça, de dentes e de ouvidos, assim como os incomodos periodicos das Senhoras, jamais foram ultrapassadas.

Alem d'isso, a Cafiaspirina reanima e levanta as forças, sem atacar o coração nem os rins.

CAFIASPIRINA



HISTORIA DE PORTUGAL

DE

ROCHA MARTINS

Edição da Empresa Nacional de Publicidade
(«Diario de Noticias»)

O 1.º tomo desta magnifica obra
sai no mês de Janeiro, encerran-
do-se brevemente a assinatura

As condições para possuir este completissimo compendio de Historia Patria são as seguintes: 30.000 de uma só vez, facilitando-se o pagamento em duas prestações, por 17.500 cada uma ou cinco de 7.500

Todos os pedidos de assinatura
devem ser dirigidos
ao «DIARIO DE NOTICIAS»
às suas sucursais ou a qualquer livraria

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

A C. P., no louvável intuito de estabelecer ligações diárias para Sevilha, por via Vila Real de Santo António, resolveu que à semelhança do que sucede com os combóios 851 e 852 circulando na presente época apenas três vezes por semana, o primeiro às segundas, quartas e sextas-feiras e o segundo às segundas, quintas-feiras e sabados, os seus combóios diários n.ºs 801 e 802/800 passem a terminar e iniciar as respectivas marchas na ponte de Vila Real de Santo António, em ligação com os gasolinas para a travessia do rio Guadiana e com os «auto-cars» da Empresa Automobilista Internacional que fazem o serviço entre Ayamonte e Sevilha.

Assim, o combóio n.º 801 que parte de Lisboa às 21,05 dará ligação ao «auto-car» que chega a Sevilha às 19,00 do dia seguinte e, em sentido inverso, o «auto-car» que parte de Sevilha às 9,00 dará ligação ao combóio 802/800 que chega a Lisboa às 8,10 do dia imediato.

A primeira destas ligações directas para Sevilha será efectuada pelo combóio 801 que parte de Lisboa no dia 14 do corrente.

MAGAZINE BERTRANDO

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA

LEIAM O NÚMERO DE MARÇO

REO

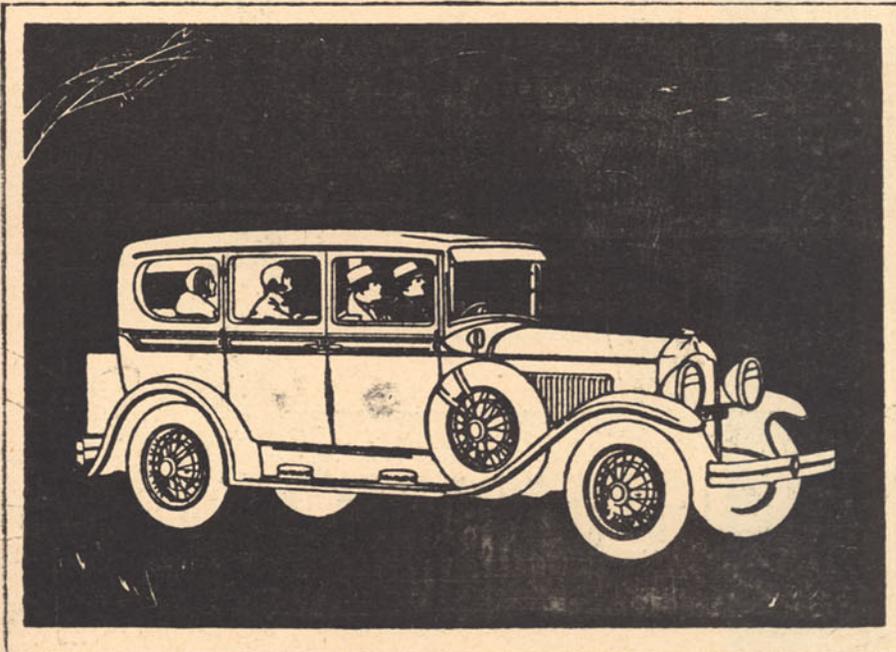
Um nome respeitado em toda a parte

Os que contribuíram para a construção do primeiro automovel REO em 1904, continuam seguindo hoje em dia a orientação da fabrica REO. Teem como norma a construção de automoveis que á boa qualidade dos seus materiaes unam os progressos da engenharia moderna.

Isto faz consequentemente com que os automoveis REO gosem dum nome famoso em toda a

parte respeitado contribuindo os actuaes REO a manterem e aumentarem este bom nome.

Ao comprar um automovel REO adquire V. Ex.^o a certeza de uma duração superior á que é vulgar, um rendimento perfeito mercê da sua excepcional construção e uma comodidade que só se pode conseguir com os melhores materiaes e uma precisão absoluta na construção.



REO são as Iniciais de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da industria auto-motriz, fundador, com outros, ha 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY, e atual Presidente do Conselho de Direção da dita firma.

CONTRERAS & GARRIDO, Lda.

AVENIDA DA LIBERDADE, 165-171 :: TELF. N-789 (PBX) :: LISBOA
AGENTES NO NORTE.

M. FREITAS DA COSTA & IRMAO

RUA DUQUE LOULÉ, 142/144 :: PORTO



A fada dos beijos...



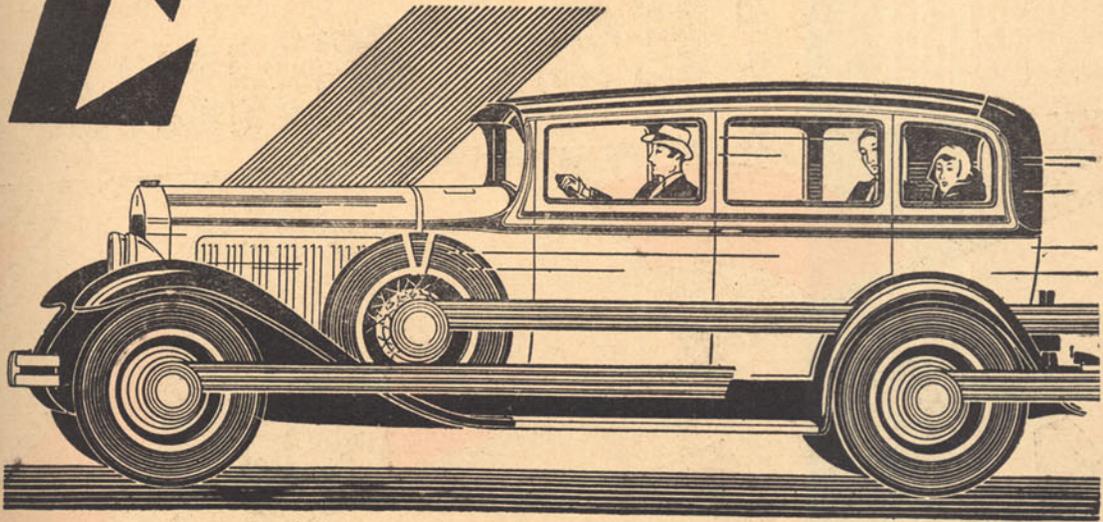
tem consigo a saude e
o perfume da boca!
Um encantador produto!

Tube, contendo uma amostra-gratuita de
ELIXIR DENTIFRICO BENAMOR = 3\$00

A' VENDA EM TODO O PAIZ

Eis o novo SUPER

ERSKINE



Um novo modelo que representa a última palavra em perfeição do fabrico Studebaker!

Ao luxuoso acabamento da sua carroçaria corresponde a perfeição do seu motor dando 70 HP ao freio. De manobras fáceis e portanto ideal para quem tem de transitar pelas ruas de grande movimento das cidades modernas, veloz na estrada; pode ser considerado, graças á sua concepção

ultra-moderna, o carro mais rápido da sua classe. Uma suspensão especial, com amortecedores hidráulicos, dá-lhe o máximo de conforto; o sistema de travões do tipo servo e o chassis "surbaissé", garantem-lhe uma grande segurança e um controle mais eficaz.

Visitem hoje mesmo os nossos salões de exposição a fim de verem o novo Super Erskine.

Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.

Unicos representantes para Portugal:

C. SANTOS, LDA.

Lisboa : Rua do Crucifixo 55 a 59

Porto : Lopes Cardoso, Lda. Rua Santa Catarina, 663.

**NÓS OFERECEMOS
PARA A VOSSA
RESIDENCIA**

**A 50 \$ 00
por mez**

UM telefone que vos porá em contacto com todo o mundo.
Escrãva a **THE ANGLO-PORTUGUESE TELE-
PHONE COMPANY LTD.** - Rua Nova
da Trindade, 43 - Lisboa
- Portugal.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procição)
Telef. T. 871

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 100

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENTAL

PROPRIEDADE DE:
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef.: T. 821 a 824

16 DE FEVEREIRO DE 1930

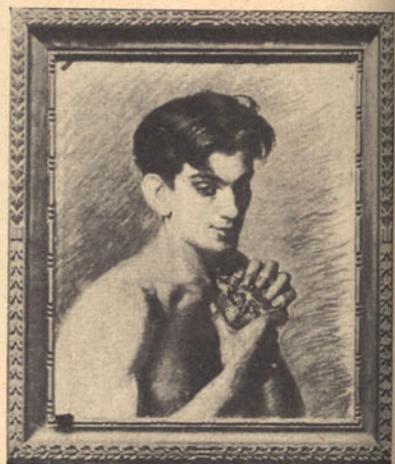


A ENTRONISAÇÃO DO NOVO CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA. — EFECTUOU-SE COM DESUSADA POMPA A RECEÇÃO, NA SÉ PATRIARCAL DE LISBOA, DO NOVO CHEFE DA IGREJA CATÓLICA PORTUGUESA, O NOVO CARDEAL S. E. O SR. D. MANUEL CERJEIRA. AS NOSSAS FOTOS REPRESENTAM AS CERIMÓNIAS LITÚRGICAS DO ACTO SOLÉNE, O ENCONTRO DO NOVO CARDEAL COM O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA À PORTA DO TEMPLO E O MOMENTO EM QUE S. E. PRONUNCIAVA A SUA ALOCUÇÃO RITUAL. — (Fotos «Ilustrações»)



Aspecto da recepção solene oferecida pelo ilustre Embaixador de S. M. Britânica, nos salões da Embaixada inglesa, em honra do sr. Presidente da República Portuguesa, general Oscar de Fragoso Carmona, e que marcou uma fase brilhante das relações diplomáticas entre Portugal e a sua aliada, intensificadas, de há algum tempo a esta parte, de forma bem significativa e envidescadora para o nosso prestígio internacional

FACTOS — DA — QUINZENA



A EXPOSIÇÃO DO «GRUPO SILVA PÓRTO».—EM CIMA: Um dos mais belos quadros expostos, da autoria do sr. Aires de Gouvêa, expressamente convidado a expor com os componentes daquela associação de pintores, pelo seu muito mérito artístico



A ESQUERDA: — Aspecto da inauguração da Exposição do «Grupo Silva Pôrto» na Sociedade Nacional de Belas Artes. — O insigne médico e académico, professor Egas Moniz, lendo a sua conferência «Os pintores da loucura», proferida a pedido dos expositores

EM BAIXO: — Grupo de artistas, jornalistas, homens de letras, críticos teatrais e amigos de Espanha, que ofereceram ao eminente artista D. Ricardo Calvo um almôço de homenagem no Maxim's, como preito de admiração pelo seu grande trabalho artístico na passagem, com a sua companhia de teatro clássico, pelo teatro do Gimnásio, e comemorando o galardão do oficialato de S. Tiago de Espada, com que o governo premiou o ilustre comediante

(Fotos «Ilustrações»)



O FIM DA DITADURA ESPANHOLA



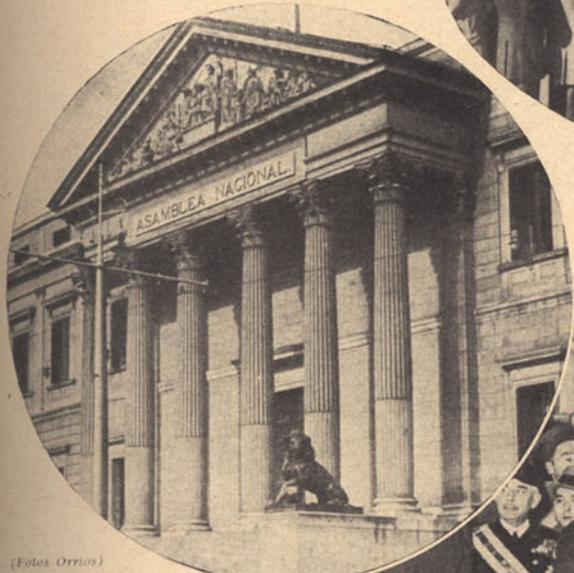
Os antecedentes da demissão de Primo de Rivera. A esquerda: O ministro dissidente Calvo Sotelo (o primeiro da esquerda), com o seu sucessor Conde de Los Andes (ao centro) que deixou a pasta da Economia que foi entregue a D. Sebastian Castedo (à sua esquerda)

NO MEDALHÃO DA ESQUERDA: — O conde de Los Andes, último ministro da Fazenda de Primo de Rivera e o último ministro da Economia D. Sebastian Castedo, saindo do Ministério horas depois da posse e dias antes da queda do Governo

EM BAIXO: — No Ministério da Economia, após a cerimónia da posse de D. Sebastian Castedo, último ministro da ditadura naquela pasta e que a ocupou apenas durante dias



Os jornalistas espanhóis esperando, ante o Palácio Rial, a decisão da entrevista de Primo de Rivera com S. M. Afonso XIII, de onde saiu a demissão do ditador espanhol



(Fotos Orrios)

NO MEDALHÃO: — O pomo da discórdia. — O edifício do Congresso em Madrid, onde funcionou o último parlamento constitucional, dissolvido por Primo de Rivera e de onde, em breves dias, sairá a taboleta de «Asamblea Nacional» por ordem de Berenguer

A DIREITA: — O ministério presidido pelo general Berenguer, depois do juramento ante o rei. O general Berenguer, restaurador do regime constitucional em Espanha, com os novos ministros da Economia e Fazenda sr. Arguelles, do Fomento sr. Matos, do Trabalho sr. Sangro, da Justiça sr. Estrada, Marinha sr. Garvia e Instrução, Duque de Alba





VIDA SOCIAL

EM BAIXO:— Aristocrático e fastoso casamento, realizado em Vila Nova de Baronia, da Ex.^{ma} Senhora D. Maria Henriqueta de Barahona, da aristocrática família Barahona, de Alcáçovas (Alentejo), com o ilustre cavaleiro tauromáquico e agricultor João Branco Núncio. Os noivos e seus ilustres convidados, após o enlace

(Cliché F. M. Fialho.)

Chegada à Estação do Rossio do novo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira que era esperado por muitas pessoas de representação e fiéis entre as quais o sr. Governador Civil de Lisboa e Comandante da Polícia de Segurança



Mário Domingues, jornalista brilhante, cronista insigne das alegrias e misérias dos humildes, romancista que acaba de obter um grande êxito com a sua obra «O Preto do Charleston» e cuja desapareição súbita e inexplicável tem comovido os seus amigos e inquietado os meios intelectuais



FESTAS DE HOMENAGEM A MARCOS PORTUGAL. — No meio duma condenável indiferença pública alguns devotados artistas homenagearam a figura altíssima do grande compositor. No Conservatório, uma sessão solene incluiu uma palestra do dr. Joaquim Manso, jornalista apreciado



Realizou-se na igreja matriz de Albufeira o casamento da sr.^a D. Maria da Piedade Faisca Águas com o sr. José Martins Cardoso. Foram padrinhos os pais dos noivos, e madrinhas a mãe do noivo e a sr.^a D. Ilda Mascarenhas Cardoso Fernandes, irmã do noivo. Os noivos após a cerimónia

A DIREITA: — Um dos aviões «Junkers Júnior A. 50» adquiridos para o serviço postal na Índia, por iniciativa do general Craveiro Lopes. A Índia ficará assim ligada ao serviço postal que parte de Karachi e se estende a todo o velho mundo oriental e ocidental. O avião tem motor «Genet» de 80 HP., voo com 600 quilos de peso à velocidade de 165 quilómetros e tem um raio de acção de 600 quilómetros. É o único avião ligeiro, completamente metálico, até hoje construído



(Foto S. A. P.)

NOTAS DE ACTUALIDADE



AO ALTO E À DIREITA: — Os srs. ministros da Marinha e Comércio, no acto do descerramento do retrato de Monsinho de Albuquerque, o heróico militar, patrono da nova unidade da frota mercante da Companhia Colonial de Navegação, o luxuoso paquete «Mou-sinho» que acaba de iniciar as suas carreiras para a África, num esforço eminentemente patriótico daquela Companhia



NO MEDALHÃO, em cima: — Os funerais do antigo ministro das Finanças, general Sinel de Cordes, cuja morte foi muito sentida nos meios militares portugueses. O feretro saído de casa do extinto



NO OVAL, de cima: — Aspecto das exéquias celebradas no dia 1 do corrente por alma de D. Carlos I e do seu filho, o príncipe D. Luís Filipe de Bragança

A DIREITA: — Apesar da expressa proibição, o nosso fotógrafo-correspondente obteve uma foto curiosa da volta a Paris de Leon Daudet, o combativo chefe da «Action Française», focando o automóvel que o foi buscar à estação, levando no estribo dois fanáticos «Camelots du Roi» que protegiam a vida do feroso e agressivo candilho.

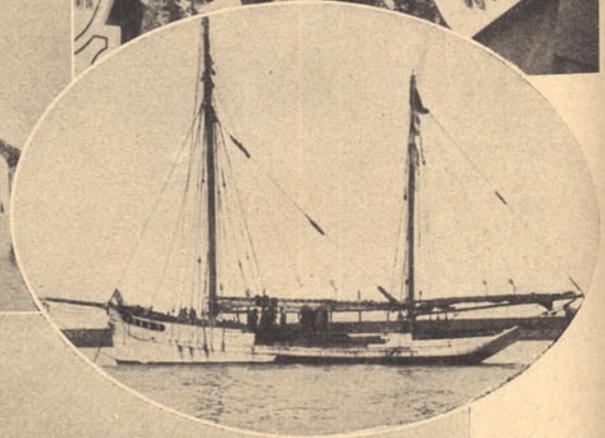
(Foto Orrios)



O último acontecimento de Madrid foi a tempestuosa estreia, no teatro da Zarzuela, da célebre obra de Gautillon Maya, levada às letras espanholas pelo mestre «Azorin», drama da escória marselhesa, que levantou discussões formidáveis na crítica e nos meios intelectuais. Reproduzimos, à esquerda, uma das scenas da obra NO OVAL, da esquerda: — A egrégia actriz Lola Membrives, uma das mais altas figuras da scena espanhola, na protagonista de «Maya» (Fotos Orrios)

PELO NORTE DE PORTUGAL

De cima para baixo e da esquerda para a direita: — A vereação da Câmara Municipal do Porto junto ao monumento às vítimas do 31 de Janeiro, prestando-lhes as suas homenagens oficiais. — Romagem ao túmulo das vítimas da revolução de 3 de Fevereiro, no cemitério de Agramonte. O comandante da 1.ª região, presidente da Câmara, governador civil, etc., acompanhando as famílias das vítimas na peregrinação. — A tripulação da



chalupa lagosteira Ernest Renan que entrou em Leixões com graves avarias causadas pelos temporais. Os bravos marítimos, o seu capitão Gregoire Charles e o cão «mascotte» de bordo. — A chalupa «Ernest Renan» ancorada em Leixões. — O farolim da Foz do Douro assaltado pelas ondas durante os formidáveis temporais que assolaram as costas do Norte

(Fotos Alvaro Martins)

a-morte DE-DAVID BERLANGA

EPISÓDIOS DA REVOLUÇÃO MEXICANA

Martin Luís Guzmán, que inicia hoje a sua colaboração em Ilustração, é um dos escritores mais representativos do novo México. Deslerrado em Espanha, há alguns anos já, por motivos políticos, foi bastante a publicação de dois livros — El Aguila y la Serpiente e La sombra del Caudillo — para que se collocasse à cabeça das firmas de maior prestígio e melhor coladas no amplo mundo das letras castelhanas. Tendo intervido activamente, em postos do maior relêvo e perigo, nessa formidável convulsão ideológica que se chama a revolução mexicana, tão mal compreendida como tantas outras — e a portuguesa entre elas — pelos povos estranhos, as suas narrações têm o interêsse das coisas vividas e formam, pela sua honestidade e clara visão dos acontecimentos, documentos de inapreciável valor a ser consultados por aqueles que tomem sôbre si o encargo de fazer a história do México contemporâneo. O magnífico trecho que hoje publicamos é uma página de antologia: emoção, interêsse e violência dramática conseguidas com a difícil arte de saber narrar. E é este o grande dom dêsse escritor insigne: saber narrar com precisão, simplicidade, elegância literária e carácter, sem as falsas falas dum estilo pomposo, deixando que os homens e o factos atinjam espontaneamente, por si só, tóda a sua grandeza e significação.

Ilustração saudando efusivamente o seu novo colaborador, presta homenagem, na pessoa dum dos seus valores mais sólidos e eminentes, a êsse grandioso país que é o México, um dos mais ilustres e interessantes da América, não só pelas suas artes e pelas suas letras, umas e outras em pleno florescimento, como também, e muito principalmente, por essa forte consciência colectiva de civismo, digna de todo o nosso respeito e admiração, de que nos tem dado eloquentes provas.

Uma manhã, Rodolfo Fierro chegou à Secretaria da Guerra um tanto descomposto e menos sorridente que de costume, mas, nem por isso, a sua bela figura deixava de se conservar íntegra.

Trazia, como sempre, aquelas admiráveis botas de cano alto que adquiriam nas suas pernas um vigor de linha extraordinário. O seu chapéu «cow-boy», do mais fino e branco, não tinha perdido, no modo como lhe cobria a cabeça, nem um ápice do seu ar vagamente provocativo e certamente ameaçador. Envolvía as suas frases em modulações dum timbre suave, evitando palavras malsaontes e soezes. O seu olho, um tanto defeituoso, olhava ainda com a mesma pupila afirmativa e inquiridora. Mas, a-pesar disso, aquela manhã todo êle parecia como circundado por um véo opaco: sem o estar de facto, mostrava-se murcha e envelhecido.

Abordava-me, como tantas outras vezes, à cata de dinheiro, pois, à força de bom general e bom revolucionário, gastava muito. Os pesos, aos centos e aos milhares, escorriam-lhe dos dedos com mais facilidade do que se em cada um tivesse uma fábrica de «bilimbi-

ques» (1). E, como desde que entrámos no México a Secretaria da Guerra — o que êle muito bem sabia — estava obrigada a ser o seu banco, assomava de dois em dois ou de três em três dias por cima da minha escrivaninha, dizendo-me com voz suave e firme:

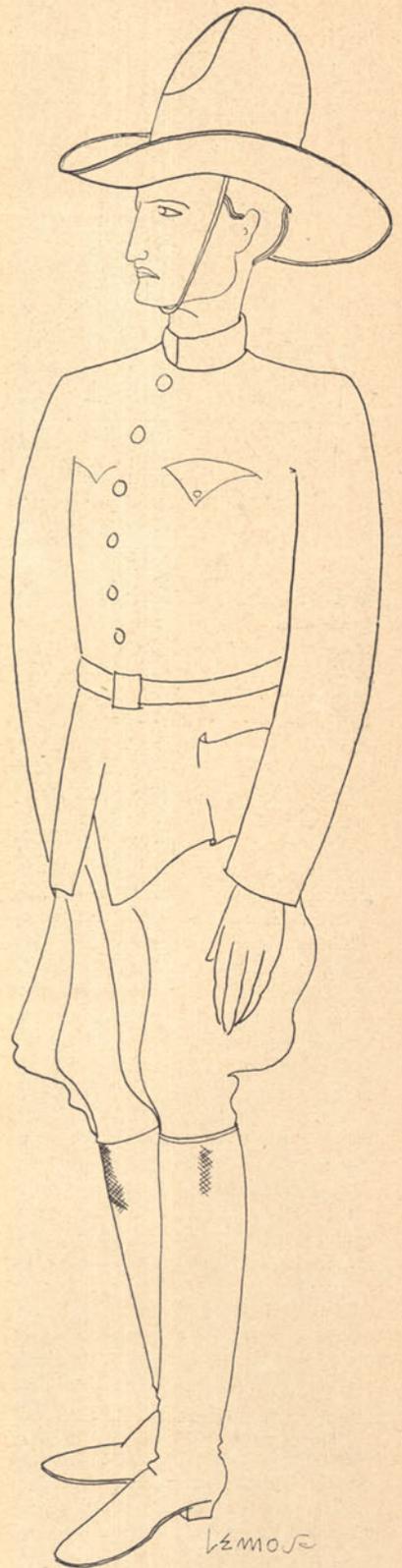
— Quero entregar-lhe um recibosinho.

— É impossível — respondia-lhe eu sempre; — não temos nem um centavo.

Mas êle, que conhecia o jôgo, insistia com os maiores recursos das suas doçuras verbais e acabava por arrancar a autorização, pelo menos para parte do que esperava. De resto, eu com isto não fazia senão seguir as instruções de José Isabel Robles, que me tinha dito: «Necessitamos de contar com a gratidão do Fierro a qualquer preço». E, na verdade, o preço que pelo Fierro pagavamos não era excessivo em comparação com o que outros custavam: dois ou três mil peses apenas, três ou quatro vezes por semana.

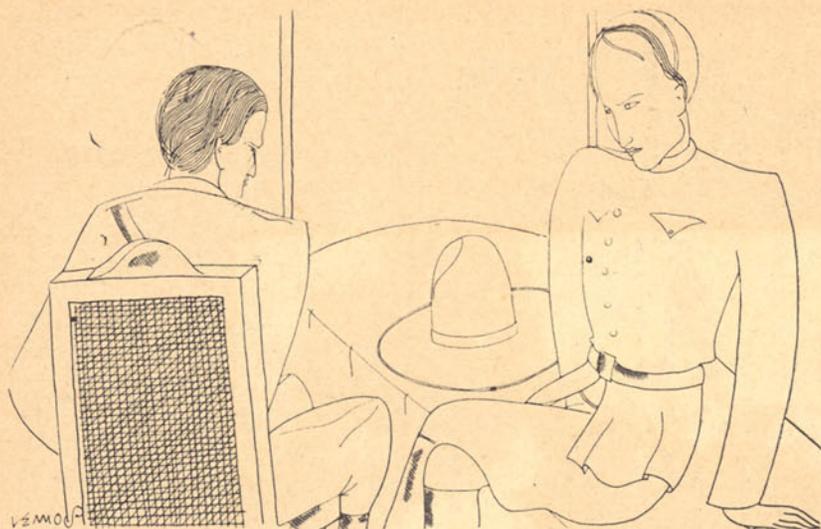
— Bom — perguntei-lhe então, ao ver que depois de me cumprimentar não me dizia nada: — e por quanto quer o recibosinho?

(1) Termo popular mexicano com que se designava despectivamente o papel moeda posto em circulação na época em que a acção desta novela decorre.



— A sua vontade — respondeu. Mas agora o principal não é isso... Necessitava de lhe falar... De lhe falar em particular...

E, sorrindo-se, acentuou as últimas palavras, dirigindo um olhar aos dois taquígrafa-



dos homens da revolução. Compuz dum só traço a órbita completa da sua carreira de revolucionário j6vem, sempre postergado, sempre perseguido em segrêdo pelos habi- lissimos imorais que conseguiram escalar e conservar altos postos à custa de intrigas, falsidades e traições. E sob o olhar daquele matador de homens que tinha diante de mim, senti r6pidamente um impulso horrível, uma vaga inclinaç6o a converter-me tamb6m em assassino, como tantos outros cujo ar respirara nos 6ltimos meses, e a manchar com sangue humano a rica *carpete* daquela est6ncia. Ignoro se foi o instinto do bem, ou a cobardia, ou o estranho acento de s6plica que nimbava a firmeza com que os olhos do Fierro estavam cravados nos meus; mas o certo 6 que a voliç6o profunda que me obrigava a lançar m6o da pistola, variou de curso e manifestou-se nestas palavras, que eram j6 como a aceitaç6o do irremedi6vel:

— E porqu6?
 — Por ordem do chefe...
 E ent6o Fierro contou-me tudo.

* * *

«O Berlanga — disse o Fierro — ceou ante- ontem à noite do «Sylvain». Noutro dos gabi- netes reservados ceavam tamb6m, com v6rias mulheres, alguns dos ajudantes do Chefe. Voc6 bem sabe o que sempre sucede nestes casos: come-se muito, bebe-se mais, e depois, à hora de pagar, o dinheiro falta. N6o me refiro ao Berlanga, mas aos oficiais do Chefe. Pois bem: quando lhes apresen- taram a conta, 6les limitaram-se a assinar um vale pela import6ncia e a gorgeta. O dono n6o se satisfez com aquilo e quis recusar o vale; mas, n6o sabendo como fazer, foi aconselhar-se com o Berlanga, que era, pelo visto, muito conhecido no restaurante. Ao saber do caso, o Berlanga indignou-se; largou a voci- ferar contra os militares que desprestigiam a bandeira da revoluç6o; disse que a Divis6o do Norte estava cheia de salteadores, que n6s, os «vilistas», s6 sabiamos triunfar para

fos que estavam ao p6 da minha escreva- ninha e a v6rios militares que esperavam, sentados no estrado em frente, o seu turno de audi6ncia.

Disse aos dois taqu6grafos que se retiras- sem e convidei o Fierro a sentar-se numa cadeira ao meu lado.

— N6o — observou 6le. — Parece-me que assim n6o lhe posso falar livremente. Des- pache aqueles oficiais ou vamos para outro s6tio onde estejamos completamente s6s.

Adivinhei ent6o que se tratava de algo positivamente s6rio. De modo que, sem mais explicaç6es, fiz uma indicaç6o ao general «vilista» para que me seguisse fora do meu escrit6rio. Atravess6mos a sala e o gabinete do ministro, onde a essa hora s6 se encon- travam os ajudantes; abri a porta, dissimu- lada na parede, que dava acesso à alcova privada, e ali nos fech6mos. Sentei-me numa cadeira e ofereci outra ao Fierro. Ele, por6m, n6o aceitou; preferiu sentar-se na cama, arrojando o chap6u, com um gesto de fadiga mal perceptível, para cima da colcha de damasco verde. Observou depois, um por um, todos os m6veis da alcova, a *carpete*, os ta- petes; abriu as gavetas da mesa que tinha ao lado, e, finalmente, p6s-se a chupar o charuto que trazia na boca, mas a chup6-lo com atenç6o t6o reconcentrada que dir-se-hia n6o pensava noutra coisa.

Eu, entretanto, estudava-o, esperando satis- fazer uma dupla curiosidade: a que me inspirava a nossa entrevista, j6 impregnada de mist6rio, e a que nunca deixava de exer- cer em mim a presença daquela «formosa besta», como lhe tinha chamado um jorna- lista yankee. Esta 6ltima era a que me embargava particularmente. Porque o Fierro, que era pela sua galhardia f6sica um tipo inconfundível, gozava, al6m disso, duma lenda terrível e fascinadora: pintavam-no como autor de proesas e crueldades ora arri- pientes, ora her6icas. Ali, cruzadas as pernas belas e herc6leas, apoiado o cotovelo no joelho, inclinado o busto at6 à m6o, enquanto os dedos mo6am o rolo de tabaco e a boca despedia fumo, adquiria o seu car6cter pre-

ciso, a sua luz pr6pria, a sua irradiaç6o exacta. A sua natureza semi-selvagem, dis- farçada poucos segundos antes sob uma capa de palavras, modos e gestos civilizados, cho- cava estrepitosamente contra o ambiente dos fin6ssimos m6veis de mogno, dos tules, das colgaduras de brocado, como uma pedra por polir que tudo estragasse e rasgasse com as suas arestas em bruto.

De s6bito fitou-me os olhos e disse-me:
 — Acabo de matar o David Berlanga... e acredite que o sinto.

— O David Berlanga!
 A imagem daquele nobre rapaz, todo abn- gaç6o e sinceridade, desinteressado, valente, generoso, surgiu na minha frente. Pareceu-me v6-lo alçando o rosto p6lido, a cabeça de ca- belo liso e comprido, no espaço que se inter- punha entre mim e a figura, agora decidida- mente brutal e sanguin6ria, de Rodolfo Fierro. Recordei-o entregue, poucas semanas antes, a denunciar com denodo, ante a Con- venç6o Militar de Aguascalientes, t6das as pequeninas mis6rias e corrupç6es que cor- riam, como um regato de l6do, por debaixo





MUSEU DO PRADO

MADRID

PAULO VERONÉSO

Suzana e
os velhos

o roubo, e, quando se cansou de gritar e dizer pestes das forças do meu general Villa, pagou o vale dos oficiais para que o dono do estabelecimento não ficasse sem o seu dinheiro, e para guardar o documento — declarou — como prova da conduta das tropas do Chefe.

«Os oficiais, é claro, ouviram tudo o que o Berlanga disse e sopraram-no ontem de manhã aos ouvidos do Chefe. Como era de esperar, o meu general Villa ficou furioso.

«Esses cães — disse — que andam a ladrar-me às botas e a querer morder-me os calcanhares, vou esmagá-los assim.

«E levantou o pé, deixando-o cair com uma fúria que eu mesmo não lhe conhecia. Acto seguido, chamou-me à parte e ordenou-me em voz baixa :

«— Esta noite arranca-me você o Berlanga onde o encontre e fuzila-mo.

«E que podia eu fazer, senão cumprir as ordens? Depois, ordens destas nunca me tinham surpreendido nem incomodado: há anos já que andamos nisto, como você sabe. Agora, morto o Berlanga, é quando a coisa começa a pesar-me, porque, palavra de honra, como aquele Berlanga havia poucos: demonstrou-o bem no fusilamento. Nunca eu serei capaz de matar outro como êle, assim me passe o chefe pelas armas...

«Em harmonia com as ordens recebidas, pus-me a buscar o Berlanga entre a meia noite e a uma da manhã. Meti em dois autos um grupo dos «dorados», e andei, seguido dêles, por vários sítios. Por último, dirigi-me ao «Sylvain». Acabei por supor que o Berlanga devia estar lá, porque recordava ter ouvido dizer aos oficiais, quando falavam com o meu general Villa, que êle ceava no «Sylvain» quasi tôdas as noites.

«Efectivamente, quando cheguei ao restaurante lá o encontrei. Ao acercar-me da sua mesa vi que já tinha acabado de ceiar: adivinhava-se pelo charuto que fumava, que já ia a mais de meio e, ao parecer, de finíssima qualidade, pois a cinza, qual enorme cúpula, mantinha-se toda pegada ao lume. Disse-lhe que, por ordem do meu general Villa, estava encarregado de fazer com que me acompanhasse, e que seria inútil qualquer resistência, porque vinha com forças bastantes para fazer com que me obedecesse.

«— Resistência? — respondeu-me. — Que se adianta nestes casos com a resistência?

«Chamou o dono do restaurante; pagou a despesa; pôs o chapéu, tendo o cuidado, enquanto fazia tudo isto, de que os seus movimentos não desprendessem a cinza do charuto, e saímos.

«Só voltou a dirigir-me a palavra quando entrávamos pela porta do quartel de San Cosme :

«— Ê aqui onde me vão encerrar? — perguntou-me.

«— Não — respondi-lhe. Ê aqui onde o vamos fusilar.

«— Fusilar?... Quando?

«— Agora mesmo.

«E não pediu mais explicações.

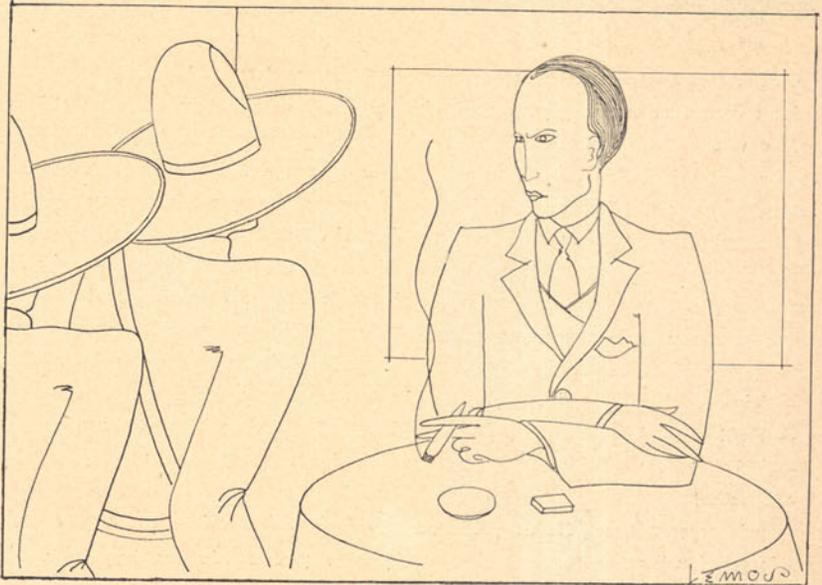
«Descemos dos autos e entrámos na casa da guarda. A luz frouxa da lâmpada que ali

ardia observei com certa curiosidade o aspecto daquele homem, que iam passar pelas armas sem mais formalidades nem histórias. Fi-lo quasi mecânicamente e agora deploro-o; porque o Berlanga começou então a interessar-me. Estava tão tranquilo como quando o levantei da sua mesa: nem a cor da cara tinha mudado. Com a maior calma que na minha vida vi desabotoou o jaquetão. Tirou dum dos bolsos de dentro um livrinho de apontamentos e um lápis. No livrinho escreveu várias linhas, muitas decerto, visto que tardou algum tempo e eu não vi que levantasse o lápis do papel nem que se detivesse; escrevia, pelo contrário, sem interrupções, como se de antemão soubesse o que tinha de

nou a cabeça até quasi chegar à mão em que tinha o charuto, e finalmente disse, respondendo ao meu gesto :

«— Vamos já. Não o farei esperar muito...

«E durante alguns segundos, que para mim não duraram quasi nada, continuou fumando. Apesar da escuridão vi bem como apertava cuidadosamente o charuto entre as pontas dos dedos. Adivinhava-se que, alheio quasi à sua morte iminente, o Berlanga se deleitava, detendo-se de quando em quando a contemplar o enorme capitel de cinza, cujo extremo, pelo lado do lume, luzia com um vago resplendor cor de salmão. Quando o charuto estava quasi completamente consumido, o Berlanga sacudiu bruscamente a mão e fez



pôr. Tirou um anel do dedo; extrafu dos outros bolsos alguns objectos, e dando-me tudo, inclusivé o lápis, disse-me :

«— Se puder ser, agradecer-lhe-hei que entregue estas coisas à minha mãe. Neste papel vai o nome e a direcção... E estou às suas ordens.

«O seu rosto conservava-se inalterável. A voz não acusava o menor acento de emoção. Apertou o jaquetão, não inconscientemente, mas com pleno domínio do que estava fazendo, e ainda atento, como durante tôdas as operações anteriores, a que não se desprendesse a cinza do charuto. Esta, no tempo decorrido, tinha crescido muito. O capitel branco era já bastante maior que a base de tabaco que o sustentava.

«Saímos da sala.

«O ruído dos nossos passos, ao atravessar os pátios do quartel, souu-me a ôco, a estranho, a irreal. Ainda o trago metido nos ouvidos como um prego. As caras mal as viamos, porque a luz era pouca.

«Passada uma porta, depois de outras muitas, detivemo-nos; mandei formar o pelotão dos «dorados» em frente a uma parede e voltei-me para o Berlanga a indicar-lhe que tudo estava a postos. Êle então pareceu fixar em mim a vista por um instante; depois incli-

caír a cinza no chão, como brasa brilhante e silenciosa. Depois arremessou longe a ponta e com passo tranqüilo, nem precipitado nem lento, foi pegar-se à parede... Não se deixou vender...»

— Foi um crime horrível — disse eu ao Fierro após uma longa pausa.

— Horrível, sim — respondeu, e entregou-se novamente a esfarelar o charuto, agora mais afincadamente que antes, obsessionado, atento ao processo formativo da cinza.

— Na realidade — continuou pouco depois — eu não sou tão mau como me pintam. Também tenho coração, também sei sentir e apreciar... Que valente, êsse Berlanga! E que forte! Vê isto? — e mostrou-me o charuto — Desde esta madrugada que ando empenhado a fumar um charuto sem que a cinza cáia; mas não o consigo. Os dedos, que não domino, movem-se-me irresistivelmente e a cinza cai. Apesar de que o charuto não é nada mau, acredite. Em compensação, êle, o Berlanga, soube ter o pulso firme até que quis, até ao preciso momento em que o fiamos matar...

(Exclusivo da «Ilustração».)

MARTIN LUÍS GUZMÁN.



EU SOU O MAR, TU ÈS A TERRA...

O Senhor da *bô fortuna* estava aparelhado, redes e cordas na cale, à pópa o arrais, à prôa o vareiro, muitos homens nos castelos com os remos formados, testos à manobra, outros, mais a cáfila das mulheres, de ombros contra os costados da nave em que vinha chocalhar a onda, ora de arremêso, ora brincando. Já o ritmo que conjuga as forças para o arranco extremo era psalmodiado pelo arrais da terra:

- Ó upa!
- Ó vá!
- Ó chapa!
- Ó salha!

Quando repercutiu ao alto da práia um aulido gemebundo:

— Ailô, arremem!... Ailô!...
O arrais voltou olhos e avistou a Rosa Bau que corria para a borda de água, braços a espadanar, a fralda e as brancuras das pernas gordas em remoinho, como albatroz desasado. Entretanto, a vaga maciça e longa, afiada em cunha, que insinuando-se por debaixo do barco o suspenderia e levaria no refluxo melhor que em andilhas, repicava na terra. Encabritou-se e recafu o barco duas e três vezes enquanto a companha tresmalhava, chapinhada pelo mar. Só naquele instante havia de aparecer a coruja do inferno!

— Rai's t'abrazem! — murmurou o Mira quando, pesaroso da boa largada, a viu

em face, ofegante, sem poder despedir voz.

— Não entrem ao mar... Morreu o mestre...

— Pode lá ser, mulher do diabo!? Ainda não há grandes horas que estive a falar comigo...

— Homem, morreu!

— Ah, cadela de vida! — gorgulhou o Pamplino, que era casteleiro, sacando o gorro. — Padrenosso que estais no céu...

Homens e mulheres oravam, cabeça baixa, descoberta, virada ao mar traiçoeiro. Longe, para lá das cem braças, o *Deus ande comigo*, de pequeno entre oceano e firmamento, lembrava uma garça boiando. Acima do cício das rezas, a água continuava a vasquejar, er-



guendo e deixando cair de sopapa o casco do *Senhor da bó fortuna*. Quando acabaram de encomendar ao Altíssimo a alma que se desprendera do barro, ordenou o arrais em tom soturno:

— Gentes, toca a calar o barco!

Vieram os bois e, estendendo varas diante da embarcação e sob ela escorregando róis de pinheiros, içaram-na para a borda. E os trinta e cinco marítimos destroçaram, de ar mais pária ainda, sombreados pela asa da morte, nos andrajos que mal lhes cobriam a nudez, vagarosos recurvos para o chão a vender a móvel areia. Sentido do passamento do mestre e amigo de tantos anos, o Mira estarreceu no castelo da pôpa lúgubre e meditando. «Saíra uma escritura a sentença do ti'Esperança, do Coimbrão, um demónio que não aprendera artes em Coimbra e lia no cadáver como na cartilha, ao ver o Lusitano scismático e com vágados:

— Não bota o estio fora!

E não botou, embora não acertassem três doutores em dizer que o robe tinha carcoma dentro. Deus o acolhesse no seu seio que por aquela corda de práias, da Nazaré a Matosinhos, estava para nascer segundo. Não era da raça dos patrões que só têm olhos para a lota e tanto engadanham a mão sobre a ganhuça que enterram as unhas na carne. Zelar a sua fazenda zelava, e ninguém se atrevesse a roubá-lo que saía-lhe pata de tigre. Mas à sombra d'êle, a fome esmurrava



a dentuça. Nos dias gordos de pesca, as mulheres dos pescadores não cobravam rapola a pêso e medida, como era de lei na companhia do *Chegamisso*; enchiam o alguidar de cogulo. Nas vezes em que a borrasca tolhia a saída dos barcos, era vê-lo de porta em porta: Tens pão? Tens azeite? Liberal com os pobres, em casa d'êle gastava-se à grande e à farta... Vinham de Leiria, e até da capital, expressamente, ao regabofe das caldeiradas a que êle próprio dava um tempero que era de comer e lampar por mais. Tinha amigos certos e verdadeiros em tôda a parte e, por aqueles povilêus à roda, compadres bastos como cogumelos. Mancebo que se apresentasse com duas regrinhas suas não punha a mochila às costas; réu por quem êle terçasse, não acendia muitos cigarros para o carcereiro. Também em peitas e larguezas consumiu o melhor do que grangeou. Podia deixar fortuna e legava ao Zé, por junto, dois barcos, o *Senhor da bó fortuna* e o *Dragão do mar*, sólidos é certo que nem couraçados, com os apetrechos da ordem, tudo de cara como agora já se não fabrica; bom património para cabeça governada, palhas erguidas no ar para inexperientes e loucos. O filho podia ombreá-lo na audácia, que já dera provas disso, mas na rijeza de ânimo, igual em todos os lances que requeriam valentia e desembaraço, no estar sempre pronto a jogar o coração para trás das costas, no trazer o sangue ao mesmo ponto de fervura, ficava muitas léguas longe d'êle. Duzentos anos antes teria sido capitão de piratas e rei em alguma ilha sem dono. Medo tinha-o de Deus e de mais ninguém. Em dias que assobiava a nortada no pinhal do concelho, parecendo as sanfonas tôdas do mundo ao desafio, e o mar atirava ronco que dir-se-hia querer engolir a terra, o Lusitano vinha à varanda do escritório, observava o

balho, e não raro tangia o búzio. Na garbulha das mulheres que batiam o dente e invocavam os santos advogados, dizia para os homens:

— Tendes confiança em mim? Então toca a aparelhar que vamos apanhar pescado que até a rede rebenta de farta.

E lá iam. Requeria para si o posto mais esforçado, ao remo, que não era homem para desautorizar o seu arrais, tirando-lhe a vara. Mas honra a quem a merece, se comandar é reger homens por uma vontade êle era o capitão e todos os mais soldadesca. Braços nodosos e cabeludos, como troncos revelhos de carvalhiços, jogando com inalterável cadência, sem que se lhe ouvisse arquejo, sem



que lhe orvalhasse a testa camarinha de suor, ao seu alento o barco era toninha a saltar por cima das ondas. Os seus olhos azuis, frios como espadas, iam direitos, fitos no mar, e parece que o grande cão o temia. A sua intrepidez tornava os outros intrépidos. Engano que o homem do mar seja em regra animoso. Mais que o bicho da terra tem ocasião de ser valente e forçadamente o é. Mas ninguém como êle é atreito ao contágio do temor e do brio. Um covarde, se lhe dão âncoras, torna uma tripulação inteira bandada de capões; um bravo rompe com ela, heróica e destemida até o meio do inferno. O Lusitano era d'êstes cuja presença dá espíritos a quem os não tem e nervos aos abonados de enxúndias. Das vezes que corria a sorte do mar encapelado e a companhia do



Chegamisso se despejava pelas tavernas a jogar o liques, mais reccoso o regedor que o mestre, o mestre ainda mais tremelicus que o mulhierio, nunca por nunca lhes succedera percalço de monta. A marinhagem sentia pulsar um coração só e êste era de aço, não houvesse dúvida, mas acima de tudo contava a sciência do Lusitano. O grande bruxo lia nos segredos do mar melhor que na letra redonda e nunca se enganava no crédito que era legítimo attribuir aos seus ímpetos e fúrias. Também succedia com mar de leite dar alta à companhia. Os barcos do rival, mais sófregos que bácoros à bolota, madrugavam a apanhar a boa terra de pesca, e tanto o *Chegamisso*, que da água salgada

percebia ainda menos que os padres do latim, como o Savelheiro, afoito mas esta-rola, riam sob capa da folga do Lusitano. Mais duma vez o sorriso lhes murchou nos lábios que o temporal surpreendia-os de sopetão e não havia santos na côrte celestial a que não pedissem misericórdia. Aconteceu até numa dessas saídas com falsa bonança quebrar-se-lhes o roçoeiro, e o barco de cima da água dançar tal dança que o uivo dos tripulantes se ouviu às oitenta cordas e fêz pular quanta gente havia nos palheiros para a beira-mar.. Era o *Lirio de Jericó*, dias antes reforçado com cavernas novas, calafetado, pintadinho a verde-terno, cercadura escarlate a tôda a roda. Mas que valia, mar-

telado pelas ondas bravas, sem govêrno, era como berço de menino levado na ressaca e com que o mar joga o chinquillo. Os gritos na práia subiam até às estrélas. Já as mulheres se tinham lançado, umas, de rojo e, rabadilha voltada ao oceano para não ver a desgraça, arrepelavam-se, rezavam, e seus dentes batiam as rezas como matracas; outras especavam os braços ao alto, berrando mais forte que cabras esfoladas vivas. A cada estremeção do esquite, lá ao largo, o aulido empolava:

— Senhor dos Aflitos!
 — Minha Nossa Senhora da Nazaré!
 — Senhora da Incarnação, fazei o mar chão!

— Rico Padre Santo António, assim como livraste vosso pai da morte, livrai aquelas alminhas do perigo e da má sorte!
 Quem os havia de salvar? Em casa, ao pé

das sementeiras, o Lusitano tivera rumor do desastre e correrá à praia. Não esteve muitos minutos para avaliar do lance e resolver consigo e com Deus. Despindo-se em menos dum *amen*, atirou-se à água. Nada que nada, cada braçada que parecia varrer uma onda, ante os olhos desvairados do povo que gemia a cada um dos seus mergulhos, respirava quando volvia à tona, ora arrastado por uns mares, ora furando outros como espartarte, lá caçou a ponta do roçoeiro que pôde amarrar contra um dos odres com nó bastante para, firmando-se, retrocederem a terra. A proesa deu que falar e até esparrinhou para as gazetas. Homem até Almeida! Quando punha pé nas suas lanchas, de curioso ou então aos remos tal um homem de ajuste, a tripulação ia descansada como rezam as escrituras da barca de Pedro quando Jesus ia dentro. Ninguém lhe ouvia uma voz; ninguém lhe notava um trejeito; se havia perigo era o primeiro a dizer: cá estou! Um ano, fins de Outubro, tinham-se abalançado a lançar redes com mar incerto e caso foi que já êle, como arrais, proferira as palavras da lei: «Rede largada às águas, à Virgem é encomendada; seja louvado e adorado Nosso Senhor Jesus Cristo!» quando veio um golpe de mar e safou a mão de barca das unhas do calador. Credo, há mais de quinze anos que andava no vaganau, avaria daquelas era novidade! A tôda a lufa remaram à ré, mas a vaga sumiu-lhes a corda para aparecer braças além, serpenteando, submergindo-se e emergindo, tão agitada que tinha mais jeito de hidra que de cabo feito com o linho dos teares. Os homens não tinham perdido o sangue-frio que estava no meio dêles a alma imperturbável, o perigo, porém, tornava-se cada vez mais instante e, se os corações não o diziam, os rostos pálidos como na hora da morte, não atinavam com o disfarce. O pior é que o mar súbitamente enfurecera, cavando campas, santo Deus, a fazerem-se e a esboralharem-se umas atrás das outras, que tinham mais altura que casas.

— Uma libra de oiro a quem apanhar o cabo!... — exclamou o Lusitano, alcançando-se nos castelos e passeando olhos pelas duas filas de remadores. — Vai por êste remo fora tão seguro como por uma ponte...

Ninguém deu voz presença e tornou êle:
 — Eu vou lá mas sou pesado. Seja o que Deus quiser! Lavagante, és capaz de aguen-





tar o remo e eu na pá? És? Então cospe às unhas...

Safou a jaqueta, as botas, as meias, e benzedo-se gatinhou pelo remo fora como gato. Lá no tope, enclavinhou as pernas e deixou-se ir de cabeça para baixo como palhaço na barra fixa. A ponta da corda aparecia e desaparecia baldeada pelo mar, donde resultava não afundir-se de vez. Consoante ela lhe reluzia aqui e ali, ia dizendo: «rema à ré; rema a sotavento» e à força de remos a companhia procurava obedecer. Ali se andou um bom migalho naquele brequefeita infernal até que pôde filar a corda. Assim que lhe passou os cinco mandamentos, marinhando pelo remo acima como descera, trouxe-a nos dentes como uma flor. O Lavagante, que era o homem mais forçado da companhia, a ponto de erguer por aposta o jericó duma sardineira de Mata Mourisca carregado com dois costais de carapau, já deitava os bofes todos. Milagre fôra o Lusitano vir no barco que se não, tendo-lhes faltado a corda que nestas artes de xávega é mais que a muleta para um côxo, os peixes tinham festim. Todos se admiravam daquelas áfricas menos êle. É que não sabiam que o Lusitano, antes de ser dono de armação, fôra um dos marinheiros mais escarmentados da navegação de vela em Portugal. Aos dezasseis anos já êle mareava como grumete a bordo de caïque que fazia a veniaga da costa africana até S. Tomé. Depois na cabotagem, à pesca de bacalhau na Terra Nova, nos veleiros de grande curso, levou de fiada anos e anos, tantos que lhe caiu a cinsa dêles na cabeça. Êle, Mira, fôra encontrá-lo mestre num lugre de carreira entre Pôrto e Pará, estimado dos superiores, benquistado dos subalternos. Ali se conhece-

ram e selaram amizade em horas difíceis e descuidosas — tormentas no mar alto, sociatas nas baiúcas do cais estrangeiro, até rixas nas vielas mal afamadas. Fora da sua sina, Lusitano era um leão. Duma vez, levava diante de si, à estadulhada, a tripulação dum bergantim levantisco; doutra, por causa de certa marafona, pusera ao sol as tripas dum inglês assomadiço. Quando os armadores se avisaram de mudar de vela para a máquina, o Lusitano despediu-se. A roda dos quarenta, não lhe sorria cometer a prática duma marinharia em que necessariamente teria de voltar ao começo. Muitos portos, também, estavam-lhe vedados por nêles ter conta aberta com a justiça, questão sempre de naidades e arruaças, e temia-se do navio a vapor que, ao contrário do veleiro pacato e vagaroso, faz escala por Seca e Meca, ao sabor dum telegrama. Tinha améalhado uns vintens, retirava-se. Também êle, Mira, levantara para a Vieira donde era filhote, ao chamo daquela que hoje era sua mulher. Beberam numa casa de pasto duas garrafas de Amaranthe e rodaram do Pôrto até mais vêr. Volvidos anos andava êle na companhia do Évora, tão lembrado do amigo como da primeira camisola que vestira, com quem dá de cara na taverna que hoje era do Pisco e ao tempo da tia Janeta que Deus haja? Com o Lusitano. Mais ruço, menos tanado do mar, mas com aquela cara de fortes queixais e olhos

tão azuis que dava quebranto fitá-los, ou era o próprio ou o diabo por êle. O homem indagava do pinhal do Urso e pedia guia que lhe ensinasse o caminho.

— Se o mar amanhã estiver tão bravo como hoje, que nos não deixou lançar as rêdes, aqui está quem o acompanha, seu Lusitano...

— Ó Mira, ó alma de Barzabu, és tu?

Abraçaram-se e, como dois amigos que folgam de se vêr e lembrar os velhos tempos, pediram vinho; ali os surpreendendo a noite, copo despejado copo cheio.

Fôz a leilão a «arte» do Évora por falência judicial. Há mais concorrentes a uma carroça que a apetrechos do mar. O Lusitano cobriu o lanço, e bem andou que lhe ficava a armação — duas lanchas, duas rêdes, cêrca de cento e cinquenta cordas — por uma melgueira.

— Mira — disse-lhe êle, depois de levantado o ramo — tomo-te para arrais mas não abres bôca sôbre o passado. O que lá vai, lá vai...

— Homem, não sou dos que têm o coração ao pé da bôca e o que exigis pouco é. Que sei





eu da tua vida que te envergonhe...? Que esfaqueaste um inglês... São pecados de todos os marinheiros. Também tenho desses. A minha pena tôda é não ter despachado para o caldeirão de Pero Botelho com quantos franceses, negros, ingleses nos buscaram quesflia por êsses mundos de Cristo!

— Escusas mesmo de dizer que me conheceste no lugre...

— Está dito!

O Lusitano era homem de capricho e cuidou de pôr a armação à altura. Instalou-se na praia com a família, irmã e filho que pela pinta, bem o era. E ali lançou raízes para sempre. Quem era, donde vinha, ninguém se incomodou de saber. Lá na terra dentro êstes mistérios dão com os curiosos doidos. Na borda de água, afeita a gente aos vaivens, uns que chegam, outros que partem, uns que a onda traz, outros que a onda leva, não causam febre a ninguém. Ao cabo de ano o Lusitano era cidadão da praia, *a praia triste do Pedrego, mê senhor*. Ali aprendera o filho letras, e se fizera homem. Ali ia dormir a noite sem fim o valente dos valentes».

Ia assim evocando, scismando o arrais, olhos perdidos pelo Oceano naquela costureira de homem do mar. Ao largo, a uma vintena de remadas, passava em triângulo, rápidas como flechas, um bando de negrolas. A água mostrava-se calma, escurecida ao longe por fuminho pardo, cortada a meio campo por barra que ia do azul opaco ao verde-garrafa, alegre de miríades de lumarêus claros, enquanto rente à costa parecia um espelho manso a reflectir a luz brava do sol. Boa hora de pesca! As ondas eram doces soluços que vinham desatar na praia em

borbotões de espuma, a correr e a retirar da areia mais vivazes que cabritas côr de neve. Impellido pelas duas turmas de quarenta remadores, aliviado da carga, o *Deus ande comigo* avançava, prôa à terra, garbosamente. Pelo rumo que trazia, viria bater ali perto, e o Mira esperou para dar a notícia. Na praia, os bois aguardavam a voz de alar a rêde, as boeiras à frente com a sáia alevantada pelo alteador, no gorfo de veludilho o espelhinho da grandura de vintém, orde havia sempre um raio de luz a brincar. Acocoradas na rampa, que mergulhava para o mar, arranchavam as mulheres dos costais, os bufarinheiros arrematantes do pescado, o rapazio ratoneiro, os homens dos xalavares.

Vinha perto o *Deus ande comigo*, regido pelo Savelheiro que sabia escolher o seu mar. Mais duas remadas; uma pausa à espera de vaga, e a vaga tomou o barco sôbre si, como palanque na cernelha de elefante, e depô-lo na praia sem baque nem estremeção.

— Boa manobra — ficou a cogitar o Mira. — Mas eu vinha sôbre barlavento; estão as águas baixas e o barco devia ir em busca de mar mais ao Norte para não perigar no recife.

— Não entras? Há novidade? — perguntou para o Mira o Savelheiro da prôa da nave.

— Morreu o patrão!

— Morreu o patrão...! — repetiu o outro com voz comovida. — Deus o receba à sua direita.

Os homens, entretanto, recolhiam os remos e lançavam as espías; uns deram-se à faina de calar o barco, outros, suarentos, sujos, com as carnes a luzir por entre os fraldejamentos velhos do riscado, lavavam-se, retoçando, na onda enlanguescida.

— Andava adoentado, mas nunca imaginei

um fim tão súbito... — tornou a dizer o Mira para o arrais, extático sôbre o castelo da pôpa, tomado também do nojo da morte.

— Tantas vezes a coira deita o harpão que acaba por nos filar! — respondeu o Savelheiro.

— Vou para lá agora. Vens daí?

— Vou.

Saltando em terra disse para os marítimos que já comentavam a má nova:

— Eh rapazes, rezai por alma do tio Lusitano que o Senhor acaba de chamar à sua divina presença! Calai o barco bem em seco que o céu anuncia mudança.

Foram subindo a praia devagar, muito devagar, carregados de melancolia. Os bois já andavam, sobe, desce a praia, no manejo lento de remontar a rêde. Nos ranchos, aninhados às abas dos palheiros, desfiava-se a crónica da vida e morte do tio Lusitano que expirara sentado num banco, sem ruído como candeia sem azeite. Os arrais ouviam de ânimo contristado aqueles responsórios fúnebres.

Ao longe ouvia-se cantar:

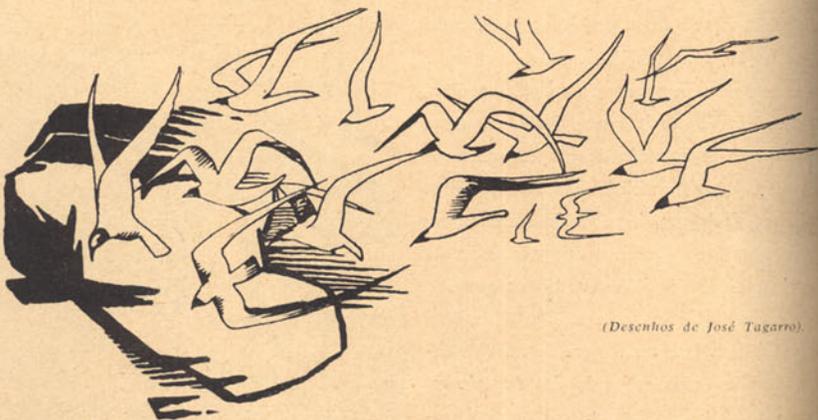
*Eu sou o mar, tu és a terra,
Qual de nós tem mais riqueza...*

Das bandas da Vieira escorregava uma nuvem que ia escurecendo o céu como se fosse noite cerrada. O oceano rugia. Um bando de gaivotas veiu do mar esvoaçar sôbre o posto de guarda-fiscal, os telhados das casas, e o Mira murmurou:

— Morreu o domador, brame a fera. Vamos ter tormenta grossa!

(Inédito, 1929).

AQUILINO RIBEIRO.



(Desenhos de José Tagarro).

QUEM SERÁ "MISS UNIVERSO," DE 1930?



«Miss Alemanha 1930», Faulein Dorrit Nitykowski, aluna da Escola de Arte de Representar de Max Reinhardt



«Miss Europa 1929», hungara de nascimento, no acto do seu casamento com um dos mais ricos negociantes de Budapest



«Miss Hungria de 1930», Faulein Maria Papp, uma linda dactilógrafa de Budapest

Com o «jazz», a fome de *après-guerre*, com a literatura das trincheiras e o caleidoscópio financeiro internacional, ao lado de várias *blagues* de mau gosto que se chamam «S. D. N.», «Pacto de Kellog», «Plano Young», «Fascios» e «Telefonia sem fios», apareceu este vício mundial de rainhas da beleza, anglosaxonizadas por *miss* em todo o orbe.

Em cada país, a pretexto de tudo e de coisa alguma, para réclame dum sabão, duma brillhan-

suave e justa da cacofonia geral), para que logo a seguir a nova representante do Velho Mundo corra a Galveston a exhibir a plástica, as ligas nacionais e a servir de pasto aos olhos pudicamente semi-cerrados dos puritanos yankees. Depois ainda, a volta, a sorte vária das que foram deusas umas horas apenas e... o olvido como melhor prémio.

Outras vezes, não surge o esquecimento das massas porque a eleita ou se faz «estrêla» de revista (Miss França 1928), ou casa com um rico industrial (Miss Europa 1929), ou perde tino e fazenda, ficando a pedir por portas em terra estranha e sendo repatriada pelo seu consul (Miss Espanha 1929).

Bela profissão a de *Miss Beleza!*... E ainda há raparigas tontas de vaidade por esse mundo, que ouvem, as pobres, o canto da sereia dos



Miss Espanha com a modista que a acompanhou a Paris a concorrer ao título de «Miss Europa 1930»



«Miss Espanha de 1930», Señorita Elena Plá, de Valencia, com 17 anos de idade



«Miss Grécia 1930», que acaba de conquistar o título de «Miss Europa», na selecção feita em Paris

tina para o cabelo, duma fôlha periódica ou satisfação de gala e de gula dum grupo de pândegos, surge a necessidade de se eleger a *Miss* do ano que corre. Depois, até Paris a eleita, a disputar o título de *Miss Europa* no «Bal des Petits Lits Blancs», na Opera (a única nota

mariolas que, para cúmulo, fazem selecção rigorosa, os farçantes, pedindo para as candidatas além da beleza as três qualidades de honesta, solteira e vivendo do seu trabalho!... Já se esqueceu o livro de Londrés, «La route vers Buenos Aires»?...

FIGURAS DO MOMENTO



PROFESSOR CURTIUS

O novo ministro do Interior do Reich (Estado alemão) que tomou parte, recentemente, na Conferência da Paz, na Haia e a cujos esforços se deve, em grande parte, o êxito daquela assembléa, um momento em perigo pela questão do Banco Internacional e pela oposição que a alta finança alemã e em especial o director do Reichsbank, fizeram a tal medida da Sociedade das Nações.

(Foto Orrios.)



GENERAL BERENGUER

CHEFE da casa militar do Rei de Espanha e que tomou conta da chefia do Governo Espanhol pondo ponto final na ditadura de Primo de Rivera.

(Foto Orrios.)



DOCTOR MOLDENHAUER

Novo ministro das Finanças da Alemanha que terá o encargo espinhoso de ultimar a questão das reparações aos aliados.

(Foto Orrios.)



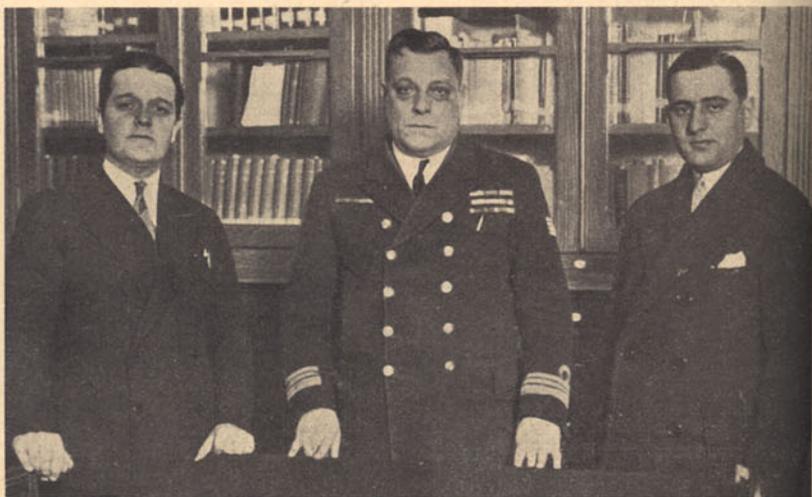
DR. ALEXANDRE DE REZENDE

UMA das mais lindas vozes do seu tempo na academia coimbrã, grande guitarrista, que acaba de obter um grande successo na gravação de discos típicos.



O GIGANTE PRIMO CARNERA

O espantoso *boxeur* italiano que está escalando, vertiginosamente o eminente posto de Campeão do Mundo. Primo Carnera está na foto ao lado do seu treinador, um *boxeur* de peso médio que parece uma criança, a seu lado. Primo Carnera, que é duma combatividade surpreendente e duma grande agilidade, mede 2^m,05 de altura, 2^m,12 de envergadura e pesa 125 quilos.



A COMISSÃO DE PROPAGANDA DA ARMADA

O presidente desta prestimosa comissão, comandante Pereira da Silva, acompanhado pelos srs. Maurício de Oliveira e Júlio Cabral, secretário geral e 2.º secretário d'este organismo, depois da reunião em que decidiram a dissolução do mesmo em vista do conflito havido com o C. M. N.



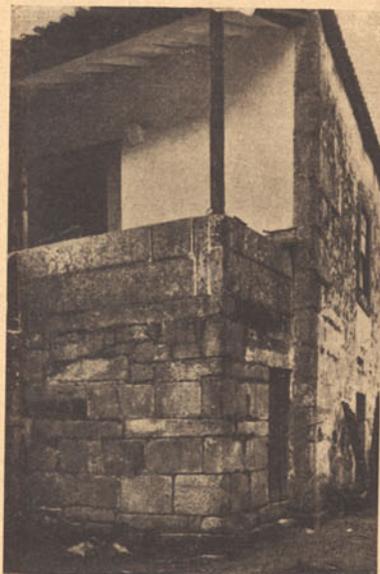
Palácio da Glória (A Capela)

GRANDEZAS DE PORTUGAL

PADRÕES DE TRABALHO PADRÕES DE NOBREZA AINDA NA RIBEIRA-LIMA

por erro de heráldica ou esquecimento do artista.

Como símbolo de antiguidade havia aqui um cruzeiro de 1583, que está agora no pinhal da Casa Bertandios, que tem a representação deste morgado e família, e existe também uma velha limeira, já de tronco gasto e carcomido, mas



Solar dos Fagundes

O SOLAR DOS FAGUNDES

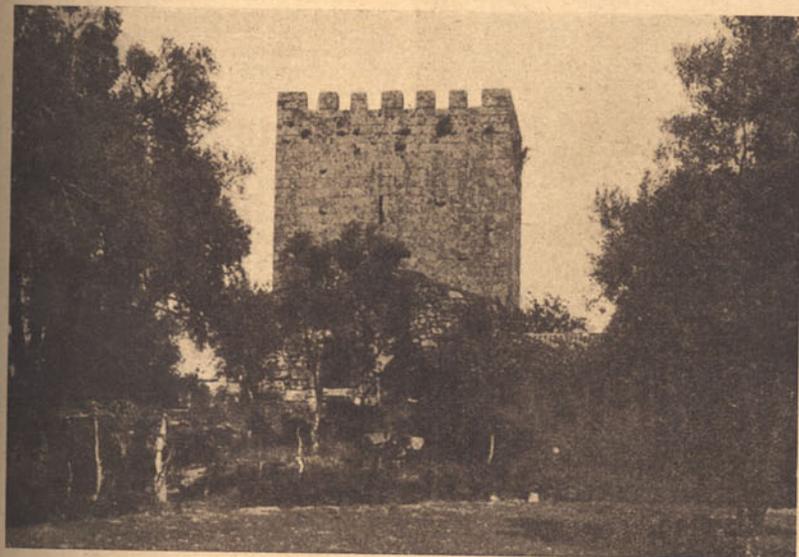
Não há maneira de sair destas margens encantadas. O Lima parece de facto ser o rio do esquecimento, porque faz perder a transmontana a quem uma vez enleia a vista nas maravilhas desta paisagem deslumbrante.

Mas, depois duma longa tensão nervosa, o próprio olhar cansa e o cérebro sente-se também fatigado. Se fôssemos a apontar, a observar uma a uma todas as casas em que nos falamos, e que andam citadas em livros, nunca mais poríamos termo a uma peregrinação já fatigante, porque obriga a percorrer dezenas de vezes as mesmas estradas.

Agora, por exemplo, temos de regressar à estrada de Viana, penetrando no ramal que conduz a Esturãos e que nos mostra, como digna de menção, a casa de Sá, a que já fizemos oportuna referência, e pouco mais do muito que nos anunciavam. Apenas adiante, sobranceira à estrada, estreita e esburacada, o muro e ramada que antecede uma casa velhíssima, tam velha que toda ela parece já um montão de ruínas. Nada tem que a distinga, a não ser, cravado no frontispício, o escudo da família, partido em pala, vendo-se nele a cruz floreada dos Pereiras e as cinco chaves dos Fagundes. Serve de timbre a mesma cruz e não tem elmo, dizem que



Casa do Outeiro



Torre de Refoios (Um aspecto)

que ainda dá fruto. Não descobrimos um antigo e célebre limoeiro, de avantajado tronco, citado igualmente como coisa digna de ver-se, havendo quem diga que estas duas árvores eram do tempo do famoso descobridor da Terra Nova.

Mas, pelo que dizem investigadores, embora este morgado pertencesse realmente aos Fagundes, não está provado que daqui fôsse oriundo o marinheiro e navegador João Alvares Fagundes, que parece haver tomado parte na Armada de Pedro Alvares Cabral; e menos provado está que fôsse ele o descobridor da *Terra dos Bacalhous*, ou *Terra Nova*, onde ainda hoje vamos pescar o nosso bom e fiel amigo.

Que ele fôsse o descobridor, redondamente o contesta o vianense José Caldas, com razões que parecem de peso, e o equívoco veio, ao que ele diz, de ser conhecido durante longos anos, em família, por *o-da-Terra-Nova*. Quando muito, admite José Caldas que ele fizesse parte da malotagem de João Vaz Côrte Real que foi, com Álvaro Martins Homem, o verdadeiro descobridor da Terra Nova. E o bom do Fagundes, eum desses muitos caraveiros de corso, que nos fins do século xv correram as nossas costas em demanda de pêsas, limitou-se posteriormente a ser *povoador* daquela terra.

Regressamos na estrada e encontramos outra vez na freguesia fronteiria a Ponte do Lima: Arcuzelo, onde o casario nobre se multiplica e inça, como cogumelos em montureira. A ima-

gem será destoante, mas as casas com que nos brindam não merecem às vezes melhor tratamento. As que já anteriormente citamos, acrescentaremos, por isso, apenas os nomes das que realmente são dignas de destaque. Está nestes casos a *Casa do Outeiro*, de bela aparência, bem conservada e que pertence à família dos Abreus Limas. Esta família descende em linha recta dos Senhores de Regalados, de que é um ramo legítimo, sendo seu chefe o sr. João Gomes de Abreu, filho de Gaspar de Abreu e de D. Maria da Glória da Veiga Cabral. Tem anexos os morgados de Paço Vedro e da Portagem.

A *Casa e Ermida da Conceição*, tãda transformada, ostentando apenas ao cimo da extensa ramada um curioso portal, pertenceu ao sr. João Pacheco Pereira, representante do notável estadista do tempo de D. João IV, Diogo Lopes Pacheco, e do grande herói da Índia, Duarte Pacheco Pereira. O certo é que, talvez para não desdizer das agruras por que passou aquele seu ilustre antepassado, os actuais representantes alienaram a casa e quinta, passando agora uma vida atribulada.

Em frente do portal encontra-se outra velha casa, já arruinada, mas com uma vistosa e elegante varanda de pedra. Foi do Barão do Pombeiro e pertence agora aos descendentes dos srs. Condes de Paço Vitorino. E uff!... Já pesavam nos pulmões êstes ares ribeirinhos e apetece tratar um pouco na mon-



Palácio da Glória (Fachada principal)



Palácio da Glória (Escadaria e torre)

tanha. A estrada dos Arcos vai seguindo em torcicolos entre alfombras de verdura. Nunca chega a afastar-se muito do rio. É uma sedução permanente aquela danada linfa, que parece ter filtros de bruxaria.

A TÔRRE DE REFOJOS

Não conseguimos holofotá-la, no recanto campesino em que se encontra, da primeira vez que por aqui passamos. Fica, no entanto a pequena distância do convento que fundou D. Afonso Ansemondes, companheiro do conde D. Henrique.

É o que resta agora duma das mais antigas edificações solarengas que houve no Minho, e que eram fortificadas à maneira feudal, segundo usanças da época.

A acreditar no testemunho do ilustre arqueólogo, padre Araujo Calheiros, foi a tôrre de Refojos, com as suas dependências, que o tempo e o vandalismo destruíram, solar daquele mesmo Afonso Ansemondes, «uma das melhores lanças que fizeram Portugal, vindo depois a seu filho, o conde D. Mendo Afonso, camarada ilustre do primeiro rei português nas correrias contra a moirama e hostes leonesas.»

«A sombra ou a dentro dos seus muros, de grossa cantaria, diz o padre, não se desenrolou, por certo, nenhum sudário de dores e dramas, que comoveram tantas das suas congêneres. Bonançosa lhe correu a existência, apenas alvo-rogada de quando em quando pela iminência de algum assédio leonês, ou pelas trovas de qualquer galanteador, *improvisador errante*, que ali vinha, de teorba a tiracolo, celebrar a belêsa das filhas de Ansemondes e as façanhas memoráveis do velho castelão.»

Mas teria realmente filhas o façanhoso guerreiro? E seriam assim tam formosas que perturbassem a cabeça dos amouros menestres? Não será penetrar demasiado fundo no passado?

Não se pode fazer idéa, é certo, da forma de construção da parte demolida. Mas a verdade é que se as gentis filhas de Ansemondes só se entremostravam pela fenestra da actual Tôrre, o pobre bardo bem tinha de desengonçar o cachaço, a olhar para o alto, como se estivesse a fazer versos à lua. O que vale, para honra das pudibundas donzelas, é que naquele tempo se não usavam sáias curtas...

Foi, pois, a Tôrre de Refojos paço de D. Afonso Ansemondes, e de seu filho D. Mendo, conde do mesmo título, o qual, não tendo descendência legítima, e havendo cessado, por êsse facto, as cantorias dos *improvisadores errantes*, fêz doação ao mosteiro de todos os bens pertencentes ao condado.

«Ao findar do século XIV, diz ainda o citado arqueólogo, vêmo-la (a Tôrre) em poder de Estevão e de Lourenço Malheiro, distintos cavaleiros, que entregaram ao Mestre de Aviz a vila de Ponte do Lima.»

A-pesar de padre, não embarca nas águas de certos patriotas bastardos a quem ainda hoje seduz o fulgor da corôa castelhana, e que por isso alcunham aqueles Malheiros de traidores.

A Tôrre de Refojos é actualmente propriedade do sr. dr. António Magalhães, inteligente magistrado, erudito investigador e um dos mais ilustres filhos de Ponte do Lima.

Como fervoroso cultor, que é, das coisas do passado, da sua devoção e carinho se pode fiar a conservação da velha edificação feudal, enquanto o Estado se não digna enquadrá-la no número dos seus monumentos.

UMA LENDA CURIOSA

Em volta da Tôrre de Refojos paira uma vetusta lenda, que é deveras curiosa, porque parece entretecer-se nela uma teoria filosófica infiltrada talvez em nossas tradições, há milhares de anos, pela teosofia oriental.

No princípio das coisas, as almas eram gemeas, a bem dizer, sendo criadas duas a duas, e assim vagueando pelo espaço, perfeitamente irmanadas por um amor íntimo e profundo. Mas acontecia às vezes quebrar-se a mística união, por circunstâncias de vária ordem, e então uma das almas, tornando-se culpada por sua indiferença ou egoísmo, tomava a forma humana, sendo assim a encarnação um castigo. E não raro acontecia também que a outra alma ino-



Casa do Reguengo



Portal da quinta da Conceição

enterneçada de que há memória. Bem apessoado e airoso, não eram apenas as filhas dos ricos-homens que, ao ouvir faar no seu nome, largavam o trabalho, em que se entretinham na câmara de labor, e quedavam scismando sonhos de ventura; também as moças do campo mostravam no colorido do rosto que a nenhuma era indiferente o senhor de Refojos. E D. Afonso com tôdas se entretinha, mas rápidamente se apagava o entusiasmo que lhe punha em chamas o coração, entregando-se depois a fundos desalentos.

Numa dessas épocas de tristeza, erguen-se de madrugada e partiu para os montes da Sabruja em busca de ursos, que então infestavam a provincia. Foi sôzinho e passou o dia na montanha. Ao entardecer, descobriu um lobo e despediu-lhe uma seta que se lhe foi cravar entre os olhos.

A fera fugiu, espavorida, e o cavaleiro largou à rédea-solta no seu encalço. Como de repente desaparecesse, aos nivos, entre uns penedos, D. Afonso não pôde sopear o ímpeto do ginete, que foi de encontro às rochas, caíndo o cavaleiro desastradamente e ficando desacordado.

Ao voltar a si, viu-se numa espaçosa gruta, decorada com troncos de árvores e ramos de azevinho. Ne penumbra circundante, distingu

cente, saudosa da que vira partir, vinha ao mundo penitenciar-se, pela ingrata, a fim de encurtar o seu martírio.

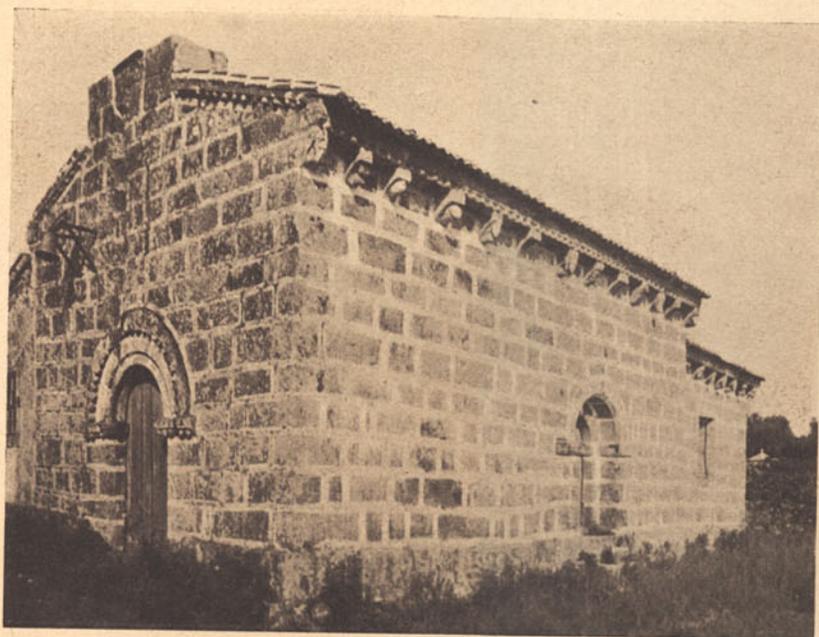
Mas, uma vez feita a encarnação, todo o passado esquecia, e as almas, antigamente unidas, baldadamente se buscavam, não sendo possível reconhecer-se uma à outra. No entanto, frequentes vezes acontece topar um homem com um rosto de mulher, e vice-versa, que nos recorda vagas semelhanças de alguém que já vimos algures, com quem convivemos — noutra existência, noutros mundos, sabe-se lá aonde? — e por quem nos sentimos atraídos fortemente. Tam rijos são os laços de simpatia, que nos pomos à procura da alma gemea da nossa, daquela que seria o complemento do nosso ser, e vamo-la buscando através do mundo, através do espaço e do tempo, através da eternidade.

Inspira-se nesta teoria a *pedra de lobos*, um fado vulgar muito em crédito nas aldeias do Norte e que se envolve em poéticas lendas.

Quando nascem, por exemplo, num casal sete filhas a seguir, a última tem de ser *pedra*, porque é alma desirmanada, e só deixará de correr o fado se for afillhada de uma das irmãs; não sendo assim, vai a malfadada viver nas montanhas desertas como pastora de lobos, que a respeitam e a que ela se dedica apaixonadamente, até que um dia lhe apareça a alma perdida e lhe quebre o enguiço.

Aproveitemos agora a lenda, como a conta o falecido escritor, sr. Conde de Bertandos.

D. Afonso Ansemondes, o mais destemido cavaleiro destas redondezas, unia à sua força hercúlea a mais romântica imaginação e alma



Capela de Refojos



Casa do Barão de Pompeiro

a seu lado uma donzela coberta de peles de côrça, afagando ternamente o focinho dum lobo. A um canto da gruta havia mais lobos.

A moça, ao vê-lo abrir os olhos, e supondo que era de susto a perturbação do rosto, disse-lhe:

— Não tenhais receio: nenhum destes queridos lobos se atreverá contra vós na minha presença.

E continuou após um silêncio.

— Em má hora viestes, senhor cavaleiro, na sétima lua, a mais fatal de tôdas. Completou-se hoje o sétimo ano do meu fado, não pode ser casual a vossa entrada aqui. Dizei-me que impulsos vos trouxeram, que sentimentos vos agitavam? Sereis vós o libertador por que espero há tanto tempo?

Desconfiado, supondo tratar-se de bruxaria, o castelão retrucou com mau humor:

— Conheço a vossa indústria, vilanagem! Por minha fé, impostora, que não julgareis de-certo que teria vindo para vos quebrar o fado, se em vez de mim estivera aqui um dos meus cavaleiros, pois esse merecis.

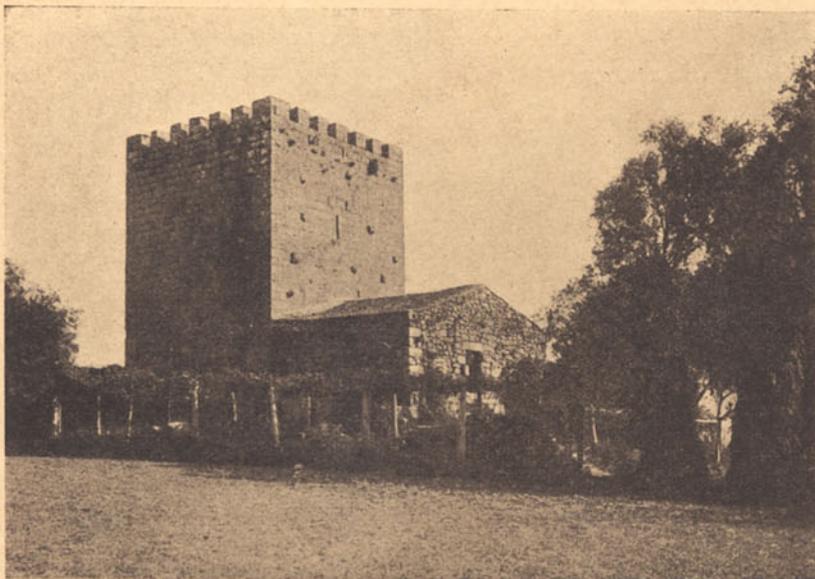
Incendiada em rubor e o olhar flamejante de cólera, a moça retrucou:

— Não vos direi quem sou, ruim cavaleiro. Sabei, porém, que não venho de gente de comédias! A felicidade que nos esperava nenhum mortal a pôde ainda sonhar; mas os fados quebram-se com amores, os ímpetos de orgulho arredam para longe seu termo...

Arrepellido, prosternou-se o castelão diante da gentil criatura, balbuciando escusas. Mas tudo foi baldado.



Casa da quinta da Conceição



Torre de Refojos

E o senhor de Refojos regressou ao seu castelo mais triste e sorumbático ainda do que partira. Desfêz-se em jejuns e penitências, doou aos frades grande parte dos seus bens. Mas a sua alma não pôde voar às regiões etéreas, ficou presa ao tempo e diz-se ainda que todos os anos, durante sete noites, sai do seu castelo e vai para as montanhas em busca da nunca mais vista *pieira*, que era porventura a alma gemida da sua.

É por isso que ainda hoje, em certas noites de luar, muitos julgam ouvir, através da janela da Torre, estas vozes lúgubres: Mil anos, e talvez ainda outros mil, e outros e outros!...

Perto do mosteiro de Refojos, a oriente, encontra-se a capela de românica de *Santa Eulália*, antiga igreja paroquial, agora incorporada na freguesia de Santa Maria de Refojos. É considerada um exemplar do fim do século XI, ou seja do segundo período românico, tendo assistido já, portanto, à vinda para estes sítios do companheiro do Conde D. Henrique, D. Afonso Ansemondês.

Mais adiante, na freguesia de Jolda, avista-se, uma eminência, um palácio imponente que domina tôda a ribeira, e que é conhecido pelo nome de *Paço da Glória*.

«É, diz o sr. Conde de Aurora, um grandioso palácio de uma belésa de cenário teatral, que alguém disse parecer um sonho de Wagner. Entre núvens e vale, duas tôrres quadrangulares e rendilhadas, uma varanda claustrada e

vasta escadaria, de granito negro, suspensas, do alto, sôbre o Lima.

«Visto ao pé, perde algo da sua cabotina belésa teatral e grandiosidade. Como certos pastoras, que uma estranha e desconhecida lei de biologia faz rainhas, na graça, ritmo e raça de seu donaire, assim a *Glória*, construída no século XVIII, por despique do seu riquíssimo senhor com o vizinho da casa de baixo, a do *Reguengo*, realmente suplantada.»

O *Palácio da Glória* pertence hoje aos herdeiros do Conde de Santa Eulália, o escultor Queirós Ribeiro, que foi quem lhe imprimiu aquela grandiosidade, rebuscando e adquirindo a péso de ouro as mais curiosas velharias que havia por solares vizinhos.

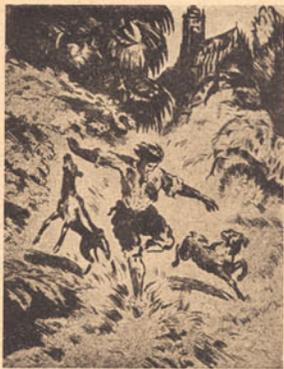
É um soberbo edifício, admiravelmente situado, mas onde não vive ninguém, não devendo tardar a cair em ruínas.

Bem diz o ditado: «Dá Deus as nozes a quem não tem dentes.»

GUEDES DE AMORIM
SOUSA MARTINS.

A reportagem literária e fotográfica para a secção
«GRANDEZAS DE PORTUGAL»
é feita em automóvel CHRYSLER
de que é representante em nosso país a firma
A. BEAUVALET
LISBOA — Rua 1.ª de Dezembro, 137
PORTO — Rua de Santa Catarina, 73





NO JARDIM RIAL. — Interpretação de D. Juan, por Komupek

Quando cheguei a Praga, tinha já esquecido o arrazoado, com que me empenhara em reivindicar para a imaginação portuguesa algum lugar na imensa literatura donjuanesca. (...) Esquecera, porque muitas vezes estas disquisições críticas são o emprêgo duma energia falta de melhor destino; a profissão literária pode ser também um sonatório de negociações.

É, longe de Tirso de Molina, do seu *Burlador* e da inúmera descendência dêste, embrenhei-me sem programa pelos bairros evocadores do Hradchany, Mala Strana, Josefov, Stare Mesto e Nova Mesto. São os de maior atracção para o viajante, porque neles decorrem boa parte da história da Boémia, atestada ainda nas suas torres, templos e palácios; e essa história, na época das guerras religiosas, reveste um real interesse humano. São também os mais pitorescos, porque bordejam o Moldava e o transpõem com sete formosas pontes, cada uma de sua época e com o seu carácter: Hlavklav, Stéfank, Svát-Cecha, Mlétes, Carlos IV, Leleges e Palachy, duas delas cruzando frescas ilhas ajardinadas.

Levava o espírito patente a todas as revelações desta iniciação no mundo slavo, através da sua guarda avançada tcheca.

Encravado entre germanos e magyares, mas buscando sempre contactos defensivos com a civilização latina, o povo boêmio recebeu influências de certo modo opostas, da cultura oriental e da ocidental, e foi isso que, fraguado pela sua longa e agitada história, deu ao seu carácter uma tèmpera peculiar. Vendo nos germanos adversários, mas assimilando-lhes a cultura, levantando dia a dia a magarização de várias regiões, o povo boêmio endereça aos russos a sua maior simpatia, hoje um pouco paternal, e guarda aos franceses o seu maior e mais agradável apreço.

Aqui está uma armação explicativa do seu sincretismo psíquico, precária embora com todas as que tocam as esferas da metafísica da história.

Em breve algumas recordações transportam-se ao meu longínquo mundo peninsular: no castelo imperial a opulenta «sala espanhola» — espanhola, porquê? —; numa das ruas principais, de Příkopy, o palácio Tarouca, do ramo austríaco da família portuguesa Teles da Sylva; e no coração de Stare Mesto o velho teatro Standetheater, do qual todos os guias apontam o seu título de nobreza: — «Aqui se estreou em 1787 o *Don Juan*, de Mozart.»

É assim entro de novo no campo do donjuanesmo, do qual vou achar um pequeno matiz novo, o da imaginação tcheca. Donjuanesmo puramente artístico, ortodoxamente fiel ao seu tronco espanhol, mas não vivido como o que

DONJUANISMO TCHECO

Portugal perfilhou, na nacionalização lírica que fez do mito de Pr. Gabriel Tellez, e ainda mais receptivo que criador. Tudo que observei na vida social de Praga, pelas ruas e pelos parques, pelos cafés e teatros, me fez o aspecto duma gente trabalhadora e equilibrada, pouco propensa ao devaneio e a idealismo transviados, verdadeiramente «sages». A campanha da independência e a reorganização da nacionalidade absorveram talvez todas as capacidades devaneadoras dos tchecos; e o idealismo guardaram-na para a arte, para ópera lírica principalmente, idealismo a que não falta, aos nossos olhos meridionais, traços de ingenuidade. A célebre ópera nacional, *Prodán Nevéstá*, de Smetana, sendo uma obra prima de música e de carácter, está composta em torno dum libreto verdadeiramente ingénio. O nosso sentir peninsular naquela situação reaccionaria com outra intensidade e punha na expressão do amor contrariado outro arroubo.

Compreende-se bem que o donjuanesmo, quer na forma lírica do burlador de Sevilha, quer no matiz lírico de Portugal, não se dê por entre as brumas da Boémia. A obra do frade mercador é talvez um grito de rebelião contra as restrições e intransigências sociais em matéria de amor e nascia dum meio, em que a situação da mulher era subalterna, ainda que compensada pelo culto da beleza, da virgindade

e do pudor. A moderna igualdade social e política dos dois sexos matou o donjuanesmo castiço, porque tornou impossível a sedução. Tirso de Molina não poderia já hoje lancar o seu *Burlador*, nem em Sevilha, nem fóra dela, como Garrett já não encontraria no gósto e na moral de hoje repercussão para a emoção trágica do seu *Frei Luiz de Sousa*. As nossas alterações sociais vão também escamotear emotividade aos valores estéticos acumulados pela história. É como um tesouro, que se nos desvaloriza na gaveta...

O donjuanesmo tcheco, que pude rastrear nos meus dias boémios, é, pois, de pura técnica artística, como artísticas são também as suas origens, que remontam a Mozart. Recordá-las é recapitular um episódio da mestria hospitaleira da gente de Praga, o seu alto gósto musical, o seu cavalheiresco sentimento da justiça. É possível que a esta cidade caiba a glória imarcescível de haver proporcionado a um dos mais puros génios da arte os seus únicos dias felizes, dias de verdadeiro triunfo para um homem ingenuamente abandonado.

Em 1786, o pobre Wolfgang, com trinta anos, já na plenitude do génio, mas sempre a braga com a miséria e com a cabala das malevolências da corte vienense, pensava em expatriar-se, doido do fracasso, aciosamente preparado, das suas *Núpias de Figaro*, — quando o pá-

blico de Praga, não menos cultivado que o de Viena, mas muito mais livre nos seus juízos, coroou essa obra com o mais estrondoso êxito. A ópera entrou na moda, «sob forma de delírio, tão intenso e duraturo que se esticou a presença do artista. A Boémia, posto que incorporada no império austro-húngaro, guardava intactas as suas peculiaridades de gósto e tinha uma vida cultural um pouco aparte, de modo que êsse êxito era, em certa medida, como uma reparação vinda de estranhas mãos. Os músicos, que executavam o *Figaro*, os artistas e amadores mais ilustres de Praga dirigiram a Mozart uma mensagem convidando-o a presenciar o triunfo da sua obra e receber as homenagens dum público de devotos. Rendido e lemeitando êsses desconhecidos admiradores, que lhe ofereciam um momentâneo alívio para o seu calvário de génio e de pobreza, Mozart partiu com a esposa em Janeiro de 1787 para Praga e ali passou, hóspede do conde de Thun, umas semanas de sonho. Foram tantas e tão emocionantes as provas de carinho e estreita identificação com a sua arte que Mozart quis restituir de modo penhorável e prometeu a êsse generoso povo de Praga escrever para ele expressamente uma nova ópera. Logo o empresário Bondini lhe recolheu a palavra por um contracto. No princípio da estação imediata o público tcheco teria a sua nova partitura.

Já de regresso a Viena, o Padre Lourenço da Ponte, libretista seu aliado desde as *Núpias de Figaro*, propôs-lhe para tema a lenda de D. João. Em breve, o libreto estava escrito; a composição da música é que foi sucessivamente retardada e só a concluiu em Praga quasi à hora da estreia. Ainda hoje se mostra a casa, onde Wolfgang compôs a sua obra prima, a Vila Bertramka, no bairro Smichov, à margem da rua Mozart — rua Mozart em homenagem da sua obra — e a casa em que recordo esse episódio indelével da história da música e da história de Praga.

A 29 de Outubro de 1787, estreava-se o *Don Juan*, regido pelo autor. O que foi essa noite de triunfo, dizem-no todas as biografias do mestre. Nunca mais o público pragueense queeren a sua ópera, sua porque lhe ofertara Mozart agradecido. Ela está ainda hoje no repertório dos três teatros líricos de Praga, cantada em tcheco e alemão, e os incontáveis cafés-concêrto da cidade incluem sempre nos seus programas selecções da ópera imortal.

Antes de cinco anos Mozart morria. Em 5 de Dezembro de 1791, a fadiga e a desilusão rendiam-no. Até ao último instante dominou-o o ódio do seu *Requiem* inacabado, afirmam os seus biógrafos. Mas, se nos derradeiros momentos de lucidez, ao seu sonho de arte se sobrepusesse a recordação dos homens e das suas misérias, e recapitulasse num rápido balanço a sua vida curta e amarga, haviam de ressaltar, através dos seus desenhagens, como clareiras de alívio, as duas estadas em Praga, no seio do povo que mais o amou e primeiro que nenhum lhe fez justiça completa.

A recordação dêste facta acaba de me render. Um povo, que a cada momento e publicamente confessa a sua gratidão aos estrangeiros, que reconheceram a sua personalidade histórica e ajudaram à sua emancipação, como Ernest Denis e Wilson, um povo, que em certo momento soube transfigurar em ascensão gloriosa o calvário de Mozart, e que é tão vibrátil à beleza e à justiça, bem merecia a sua independência e tem grandes destinos a cumprir no caminho da cultura e da paz.

E aquele vago donjuanesmo, que me ocupara um momento, nas terras de Espanha, é afinal um elo novo a prender-me às gentes boémias. Aparte as circunstâncias particularmente simpáticas, em que se gerou a obra, e o seu relevante significado na história da música, no seu aspecto de inovação técnica e contributo para a criação da ópera além e anúncio do romantismo musical, a partitura de Mozart é um marco essencial na evolução da lenda de D. João. A tectura do libreto está já muito



D. JUAN TENÓRIO. — Quadro de Salaverria

longe da pureza do entretcho de Tirso que da Ponte e Mozart não terão talvez utilizado. Mas o libretista não precisava de sair do ambiente literário da Itália, nem o compositor do ambiente musical da Alemanha e Austria para encontrar, já feito e com a sua carreira, todo o entretcho da lenda. Sómente, a sua aliança não foi dum plena concordância. O libretista, com o duplo carácter joco-sério do seu entretcho, e com a criação dêsse pitoresco tipo de Leporello, manteve D. João na sua fisionomia de simples gosador ardiloso, insaciável e sem escrúpulos, mas valente na hora dos riscos, seja uma espada rival, seja a ameaça das sanções do outro mundo. O seu poder de fascinação não é tão grande que crie na consciência de Anna de Ulloa o doloroso conflito entre o amor pelo seu algoz e o dever de o perseguir como assassino do pai. A força realista, a vibração humana concentrou-as Da Ponte nesse involuvel Leporello. E o próprio carácter dêste acólito envolve a inaptidão do libretista para ver em D. João mais que um burlador. A grandeza dramática está toda na música, porque a imaginação de Mozart subiu muito além do realismo de Da Ponte e porque a criação do tipo de Leporello significou para o músico uma depuração do carácter de D. João — agora sem as inferioridades que lhe assacara Molière, porque se deslocam para o seu acólito. Na sua inspiração

musical, Mozart expressou com grande enfase a ansia que pungia no fundo do ser de Tenório e, fôsssem embora desejos sem transcendência, essa coragem de pôr no primeiro plano o egoísmo dos sentidos como força infrene — cuja responsabilidade Tirso imputava a Deus — é um prenúncio do individualismo sentimental dos românticos e surgeira logo a interpretação de Hoffmann. O fantasiador de Königsberg, ouvindo a ópera, percebeu de pronto como aquele conceito do tipo lendário era novo e possuía seu dinamismo, sua força determinante. E, na sua receptividade poderosa, imediatamente lhe sentiu o influxo promotor e o retrou da sua indecisão. Assim nasceu o D. João, de Hoffmann, segundo expressa confissão do escritor ao seu amigo Th. Gottlieb von Hippel. Foi a música de Mozart, não o libreto, burguêsmente confinado, que engendrou êsse novo D. João romântico, sempre sequioso de amor e beleza, mas perseguindo através das suas aventuras um ideal, que Anna de Ulloa personifica, e tão fascinador que rende essa mesma Anna de Ulloa, incansável a clamar vingança. Desde D. João torturado de adaptação, ansioso de infinito, descendem todos os Tenórios românticos e transcendentalizados, como êste proveio directamente de Mozart, nascido e aclamado no seio do bom povo de Praga.



A estátua do Comendador aparece a D. Juan. (Quadro de Sir Otto Beit, na Galeria Nacional de Londres)

(1) V. *Donjuanesmo e anti-donjuanesmo em Portugal*, pub. em espanhol nos n.ºs 2 e 3 do *Boletim de la Universidad de Madrid*, 1926, e em português nos n.ºs 104 do vol. 72º do *Instituto*, Coimbra, 1929, e reproduzido na *Crítica do estilo*, Lisboa, 1930.

Para a iconografia donjuanesca achei em Praga duas contribuições apreciáveis, não só pelo seu mérito artístico, mas também pela oportunidade. A interpretação plástica do D. João há pouco posta a correr por Gregório Maraño, Perez d'Ayala e L. Salaverria, re-

Jan Konupek é um insigne gravador da Boémia, membro da Sociedade de Gravadores Hollar — assim chamada em homenagem ao fundador da escola tcheca de gravura, Wenceslau Hollar, que errando pela Europa, no século XVII, após a batalha da Montanha Branca, deixou dispersa uma grande obra. Konupek tem-se aplicado com preferência à interpreta-

humana do diabo, é como um anti-cristo subvertedor de todas as leis morais; importa mais o conjunto das suas situações que a sua individual fisionomia. É covarde e traidor. Há no seu carácter menos voluptuosidade que impulsos de felonía. De máscara, indistinto como visão movente, o D. João de Konupek nada opõe à interpretação marañonesca, mas alguma coisa acrescenta à história plástica da lenda. Ainda que o espelho lhe descubra o nada da vida, prossegue a sua carreira de surpresas traçoceiras, e na traição, na fuga e na fria crueldade nos aparece quasi sempre. Foge dos homens, dos cães, dos elementos em fúria; mata o pai à vista do leito da filha; surpreende uma monja aos pés de Cristo, sempre de máscara. Só uma vez se bate valorosamente contra muitos, e sem máscara, só uma vez se defronta com a própria consciência, povoada de espectros e fantásticos animais, harpias, em que há recordações amargas da beleza das suas vítimas. Nem com duas espadas vence essa turba que reclama vingança. O conceito satânico do artista tcheco é bem expresso numa espécie de trágico daltonismo e no contraste do empastado e do tracejado incerto do desenho, sem a dureza e a regularidade da xilogravura, deixando grande margem à decifração interpretativa dum mundo para além da realidade.

Pelo nome e pela marcação do papel, Louis Icart é talvez um artista francês, que de Paris explora o gosto donjuanófilo do público de Praga. O seu D. Juan é uma aguarela policromada. O sedutor é bem másculo, de máscara, todo em seda, camisa branca com folhos em nuvem, calções e meias negras. É galhardo e valente, bate-se contra um grupo, de que se vêem as espadas em riste na sombra das folhas movediças. Sereno, confiado, protege com o braço esquerdo a amante, aninhada contra ele, formosa e curiosa, mais do que medrosa, à porta de casa apaçada. Nem capa, nem bandolim, os instrumentos obrigados da sedução romântica mais persuasiva que batalladora, nos olhos ainda a máscara, petrecho do D. João clássico, de Sevilha, quando se seduzia com métodos florentinos de cilada e punhal.

Não é difícil dizer qual a fonte literária do símbolo diabólico de Konupek e do episódio cavalheiresco de Icart, mas é bem patente que



Casa de Praga em que Mozart escreveu o seu D. Juan

presenta um tipo efeminado, que nessa insatisfeita flutuação amorosa apenas disfarça a sua incapacidade para o vigoroso amor iludindo-a de ostentação gabarola. É o D. João, que Maraño deduz das fichas do seu arquivo clínico, que Perez d'Ayala exemplifica no Vespasiano do seu *Tigre Juan*, e Salaverria reconstrue na sua tela, a fisiologia, o romance, a pintura e até o teatro, porque o romance de Perez d'Ayala foi adaptado à scena. Parece-me que há aqui um equívoco bem patente. Uma coisa é o carácter de D. João, da lenda criada por Tirso de Molina, e outra a moléstia social que em Espanha se chamou «donjuanismo», por virtude duma recordação literária como ao desinteressado e militante amor da justiça se chama «quixotismo». O D. João é susceptível de infinitas interpretações, como exuberantemente exemplificam as obras de todos os géneros e de todas as literaturas, mas essas interpretações reduzem-se essencialmente ao significado atribuído à volubilidade trêda do aventureiro. Nessa perseguição insatisfeita do amor, a imaginação humana vasou quasi todos os recursos da sua simbologia, desde o simples cinismo gosador até à mais transcendente idealização. Quasi todas as filosofias da vida tem sido prefiguradas nesse tipo imortal, sobre cuja cabeça se acumulam todas as condenações, a decepção do amor, o limitado da vida, a sanção do além. Mas esse D. João, atrevez de toda essa carreira, de perfigurações multiformes, mantinha a sua varonilidade, a sua valentia, certas fidalguias — principalmente se apartarmos da galeria as interpretações de Molière e Lord Byron, demasiado arbitraria na concentração de cinismos a primeira, imoderadamente autobiografica a segunda.

A própria iconografia donjuanesca nos confirma a perduração desta exuberante virilidade, atrevez dessa selva de versões parcelares. As representações pictóricas de D. João não são comparáveis em número e qualidade às literárias e musicais. Predomina a imaginação francesa com os quadros de Delacroix e Johannot, as gravuras de Brissart e Boucher, e as águas fortes de Lalauze; da Inglaterra temos o quadro apresentado em 1917 por Sir Otto Beit; de Espanha a tela de Salaverria; de Portugal a aguarela de Alberto de Sousa para a capa da tradução de Zorrilla por Júlio Dantas; e da Boémia o álbum de águas fortes de Jan Konupek. Foi ainda em Praga que eu achei uma aguarela donjuanesca assinada por Louis Icart.

ção de lendas de origem literária, o *Hamlet*, *Macbeth*, o *Inferno* de Dante, *D. Juan*.

Do último mito o ciclo completo compõe-se, na reconstituição plástica de Konupek, dos doze seguintes episódios: *Em frente do espelho*; *No jardim real*; *Primeira amante*; *Assasínio*; *Aventura insignificante*; *Na tempestade*; *Dúvida e amor*; *Duelo*; *Triunfo do diabo*;



Ständetheater, onde se estreou, em Praga, o D. Juan de Mozart

Consciência; *Ultimo banquete*; *Expição e fim*.

Nestas doze gravuras é difícil discernir a visão plástica de D. João. A dificuldade não consiste na identificação como no quadro célebre de Delacroix, *a barca de D. João*, em que a irmandade do perigo a todos confunde; a dificuldade provém do próprio conceito que o artista se formula do mito. D. João é uma transfiguração

o artista francês ou afrancesado, que de Paris exporta para Praga as suas estampas donjuanescas, vê no Tenório um caso de exuberante virilidade, robustez, volúpia e heroísmo, transviado embora. É, pois, um voto em contrário da tela de Salaverria, como a sua virente mocidade se opõe áquele D. João serodio, carregado de barbas outomniças, da aguarela portuguesa. Lisboa, Dezembro de 1929.

(Continuação)

ERA verdade! Ela tinha razão! Confessava-se desastrado de todo. Com fósforos, acendedor e lâmpada eléctrica — e ainda não os usara — não para repousar um pouco do péso da escuridão ou para correr à busca do chocolate — mas para iluminar o rosto da heroína daquele invulgaríssimo episódio. Desembolsou a lâmpada, premiu o botão e logo, apressadamente, quasi sófrego, zig-zagueou a seta de luz, acertando-a por fim no alvo desejado... Foi um deslumbramento! Uma obra de arte, em rosa, ouro e negro-esmalte... Era uma boneca inverosimilmente humana; loura numa pincelada de sol meridional — e as iris enormes, dum negro envernizado, reverberante... A franja das pestanas, longas e curvas, parecendo formar o halo dos seus olhos nocturnos, dilatavam-se e iluminavam-se mais ainda sob as pétalas de rosa que tingiam, mui ao de leve, a seda branca da sua cutis... E vinham logo os lábios, num brasido de incêndio, minúsculas labaredas rubras ameaçando pegar fogo àquela pequena vitrine de preciosidades sem preço...

Quebrou-lhe o extasi, uma risada que ela saltara, avisando, trocista:

— Já não tem fome? E olhe que está gastando a pilha...

Quis Eugénio sair-se com um comentário airoso — mas não teve tempo. A companheira de cativoiro indicava-lhe o autómato, a meio da *gare* e para elle avançava. Tôdas as moedas de cobre que encontrou, vasculhando as algibeiras — foram deitadas pela frincha —

NOVELA INEDITA E ORIGINAL

de "girl"
do Metropolitano

DO REPORTER X



DESENHOS DE JOSÉ TAGARRO

— e é sempre bom ser-se prudente e económico...

Nas trevas a que regressara — Eugénio saboreou com maior prazer as doçuras do chocolate e as da visão daquela mulher... Não negava a sua debilidade exagerada ante tôdas as mulheres nem a facilidade com que se julgava apaixonado, ao primeiro quarto de hora de *flirt*. Mas era tão diferente a sensação produzida pelas outras e a que aquela lhe estava produzindo! Sentia-se mais do que embruxado: sentia-se deslumbrado! Beleza igual não lhe fôra dado ainda, até aquela idade, contemplar... Mas não era só o encanto exterior; a obra-prima da natureza — era o

imitasse... E ela, tão risouha sempre, deu a Eugénio a impressão, coada pelas trevas, de se contrariar, desabafando com a mesma abundância de minudências com que elle o fizera... Uma história simples, de actos curtos e mui espaçosos intervalos. Chamavam-na Dalila — mas (e aqui a primeira estranheza de Eugénio) não fôra com esse nome que a tinham baptizado... A mãe morrera quando ela traquinava ainda... Fôra educada pelo pai — mas... pouco tempo vivera com elle, sempre ausente em viagens por países que ela não citára... Crescera assim... Agora vivia com umas amigas... Trabalhava... Em quê? Engasgou-se antes de responder... Depois, quasi num murmúrio, pronunciou uma palavra: «No teatro!» em que género? Novo pigarro... «Girls»... Bailava também em números especiais.

Habitado aos costumes portuguezes — Eugénio alegrou-se ao saber a profissão da sua subterrânea companheira de cativoiro. *Girl*? Quasi corista! Meio caminho andado! E o pai? Morrera? Nova *panne*... Vivia ainda mas... mas continuava nas suas viagens, ausente sempre da pátria e do lar, e indifferente ante o Destino da filha...

Eugénio sentia-se já para além da fronteira, da terra ambicionada, do paraizo que elle visionara, no primeiro momento defendido por dragões tremendos que o obrigariam a lutar como um Siegfried-Tenório... Afinal — nem dragões, nem sequer um simples *carabinero*... O pai ausente e ela *girl* de teatro... Ia já a esboçar o primeiro galanteio, sem rodeios nem cautelas; ia mesmo aproximar-se mais do seu contacto — quando um acontecimento imprevisito o expeliu do banco e o fêz espalhar no chão os poucos chocolates que lhe restavam...

— Mas o que é isto, santo Deus? O que é isto? Gemia, em ânsias, a gentil *girl*...

Um estâmpido formidável ribombara, e viera, reboando num clamor de tempestade, pelos tuncis fora.

— Foi uma bomba! — afirmou Eugénio a meia voz, esquecido de tôdas as pretensões e agradecendo às trevas o velarem-lhe a palidez que elle sentia, como gelo, embranquecerem-lhe o rosto...

— Uma bomba! — repetiu a *girl*. Agora — sim — agora é que não tornamos tão cedo a ver a luz do dia... Até ao fim da greve não passará nenhum combóio por aqui...



recolhendo um total de doze paus de chocolate...

— E vai comer tudo isto? — perguntou-lhe, surpreendida.

— Lembre-se que estou em atrazo de dois almoços, um jantar, uma ceia e um *five* — sem falar das *sandwichs* que costumo petiscar durante a tarde...

— Com essa teoria Lord Cork, se o tivessem libertado, nas vésperas de morrer, teria de ingerir 79 almoços, 79 jantares, 79 *fives* — em 24 horas... Mas assim, de pé, não tem jeito... Dê-me a lâmpada... Eu seguro... Olhe... Temos ali um banco. Sentemo-nos... Se a apagássemos por algum tempo? Sabe Deus as horas que ainda estaremos aqui

trato, a despretenção, a simpatia, a singeleza, a infantilidade... E pressentiu logo que o Destino engendrara tôda aquela parada de surpresas para comemorar condignamente a inauguração de um novo capítulo para a crónica da sua vida...

* *

Conversaram... Disse-lhe quem era, donde era, a que vinha — exagerando uma vez por outra, mentindo aqui e além, para se engrandecer em prosápias de riqueza e em basofias de fidalguia. E descrevera-se preparando, no remate, como que um convite para que ela o



IV

Eugénio desceu à terra (como costumam escrever os cronistas necrológicos em enterros de importância) numa quarta-feira; na quinta dera-se o encontro com Dalila; a greve foi resolvida, com uma trapaça política de Lloyd George e a ilusão de vitória para os grevistas na segunda-feira, à meia noite; e na primeira edição da tarde de terça-feira do «Daily-World-News» — publicou-se o relato de um pitoresco episódio, *potin-rose* que rematava o noticiário do liquidado conflito. Posso um exemplar desse jornal, porque um amigo comum, então adido ao nosso consulado, mo enviou por espírito de bisbilhotice — mas nunca o mostrei a Eugénio de Jesus quando, à minha frente e com audácia desmedida, mentia sobre o segredo inicial das suas relações com Dálila. Reproduzo a sintética reportagem do «Daily World News»...

«Quando o pessoal da estação de T... Street, (há seis dias abandonada), abriu as portas e desceu ao subterrâneo foi surpreendido com a presença de um casal que apresentava o lamentável aspecto de naufragos ou de prisioneiros de um castelo medieval, após longos anos de enclausuramento. Ele, jovem estrangeiro, espanhol, natural de Lisboa, comerciante, Mr. E. J.; tinha o rosto assombreado por uma barba negra que dava ao seu semblante moreno e possivelmente simpático e sugestivo para o sexo fraco, uma moldura desagradável; a cabeleira anelada, despenteara-se e caía-lhe sobre os olhos; as faces e as mãos enfarruscadas; olheiras profundas e uma expressão atontada; toda a aparência de um mendigo — apenas desmen-

tida pelo sobretudo de corte à moda e de preço quantioso. Ela, gentil artista dum dos nossos teatros alegres — Miss D. B. — estava cadavérica; os seus belos olhos esgaseados, os seus cabelos de ouro puro, num desalinho, como se tivessem sido despenteados por um tufão. O chefe da *gare*, sob a suspeita de que havia misteriosa ilegalidade naquela inesperada aparição subterrânea — interrogou-os com certa dureza. Mas depois de decifrado o seu segredo — um sorriso velho se espelhou no rosto de todos os que assistiram à scena. Ele na quarta-feira e ela na quinta, ignorando ambos que a estação de T... Street pertencia ao número das encerradas em consequência da greve e destinando-se precisamente a essa estação nela tinham saído, ficando prisioneiros entre o labirinto de teneis e as grades das portas. O que facilitava tão burlesca situação fôra a coincidência de qualquer dos dois combóies em que viajavam terem parado naquela *gare* — não para despejar ou receber passageiros mas sim para que os empregados cumprissem pequenas missões de que tinham sido encarregados pelos seus superiores».

Assim findava a reportagem informativa do «Daily World News». Mas depois vinha o comentário irónico do reporter. Ora «Daily World News» afamou-se pelo contraste que oferece, na sósida imprensa britânica, com a sua teimosa feição trocista, mui aceitável no «Punch» ou no «London-Opinion», mas um pouco *pesada* por ser demasiado *leve*, num diário de responsabilidades. Calcule-se, pois, o aproveitamento que o «Daily World News» tirou desta matéria prima do Acaso. Tra-duzo...

«O chefe da *gare* de T... Street é um honrado chefe de família, e tem da família que dirige,

em particular, e das famílias em geral, a mesma noção que da *gare* que chefia e de todas as *gares* do metropolitano. Vive exilado da sua época e a intransigência que usa para comandar os seus empregados é a mesma com que encara todos os problemas sociais. Acavalou as lunetas no rubro nariz e, examinou o casal, e perguntou, sinceramente preocupado: «Os senhores já se conheciam antes de se encontrarem na quinta-feira?» Ambos abanaram a cabeça... O chefe tomou um hausto de ar, tão longo e vasto que parecia dilatar o ventre paucudo e, seriamente assustado, dirigiu-se a Miss D. B., indagando: «Miss tem qualquer queixa a apresentar contra este cavalheiro — ou seja: este *gentleman* portou-se como um *gentleman* durante os cinco ou seis dias que permaneceram juntos na *gare* deserta, fechada e sem luz?» Todos os presentes — e entre eles estava um dos nossos repórteres — observavam com natural curiosidade as fisionomias dos dois jovens; e não era necessário possuir a agudeza de Sherlock Holmes para notar a hesitação que silenciou Miss D. B. antes de responder, e o sobresalto de Mr. E. J. ao compreender que a sua companheira não se decidia rapidamente a elucidar o interrogador sobre a sua conduta. Por fim Miss D. B. resolveu-se a tranquilizar a inquietada moralidade do chefe da *gare*.

«— Prefiro não apresentar queixa contra este senhor!»

O sentido desta frase foi logo interpretado pelo seu justo valor — interpretação essa que o rosto do jovem estrangeiro, crispado, numa careta de agonizante, chancelou — reconhecendo-a como autêntica e verdadeira; e que duas lágrimas irreprimíveis da graciosa e loura *girl* lacraram a branco... Além disso todas as testemunhas do interrogatório sabiam razoavelmente contar — e portanto concluíram, sem esforço, que de quinta até terça-feira vão cinco dias e cinco noites».

E assim rematava o «Daily World News» três colunas dedicadas à greve dos empregados no metropolitano de Londres.

V

O primeiro sentimento que a luz do dia viera fermentar na alma de Dálila — foi o de revolta e de indignação. Mas superior ao tribunal da sua consciência de mulher civilizada, condenando pelo código da razão e da lógica o procedimento de Eugénio de Jesus e acusando-o de criminoso sem atenuantes — estava o desespero irrefletido da sua carne, da sua sub-consciência, do seu espírito, dos seus nervos, de todo seu ser, um ódio humano contra uma fera que finca a dentuça e surpreende o viajante desarmado numa floresta tropical...

Mas muito outro era o estado de alma de Eugénio — definitivamente elucidado a respeito de Dálila e a seu próprio respeito quando, ao tentar uma súplica de perdão, à saída da *gare* se sentira zurzido, lategado, espinhado — com um simples olhar de Dálila... Mas mais profundo do que a sangueira do seu orgulho; do que a consciência da sua baixaze; do que a noção exacta do seu desenvolvimento ante aquela mulher, por ter chapinhado no lodaçal dos seus instintos mal educados — estava o pressentimento da dor que ainda não sofria mas que via adensar-se, ameaçadora, sobre o seu coração. Que estúpido e que ridículo feito o seu — igual a tantos como ele, analfabetos da vida europeia e da psicologia feminina! Que estúpida e ridícula esperteza que o levava a diagnosticar flexível o mármore, de diáfano o granito, de cortez a virgem honesta e ávara da sua pureza. E para conquistar tão pouco, como conquistara, pela violência — perdera tudo! Perdera o que era agora para ele a máxima ambição da vida. O amor de Dalila!



VI

Eugénio não chegou a saber se o vinho azedara na alfândega — porque nunca mais, naqueles quinze meses em que dilaton o prazo de algumas semanas de Londres combinado com o sócio, tornou a pronunciar a palavra «wine» — a não ser à mesa, a requisitá-lo ao criado. Durante três meses — foi o purgatório do crime cometido — quasi com dias de esperanças e desilusões; de teimas e enxovalhos; de suplicas e despresos. Chorou — e foi humilhado... Ameaçou — e as suas ameaças foram musicadas pelas gargalhadas do máximo desprêso. Ao cabo de três meses — e à beira da alucinação — brilhou, nos olhos de Dálila, uma esperança... Era vaga e de efêmeros clarões ainda — mas bastava para o guindar das trevas e o morfinizar de luz. Nas pausas, entre a exibição do ódio e a macieza, pouco duradoura, duma promessa — Eugénio reflectia, sem passionismos nem optimismos, concluindo que, mesmo quando ela, com prodigiosa benevolência, o escutava sem o repelir — não deixava transparecer uma pepita só que fôsse de ternura por êle... Eugénio jurava, em luso e histriónico exágero o seu arrependimento e infernos de alma conseqüentes; suplicava piedade e de joelhos oferecia, como reles prestação à dívida monstruosa, o seu nome, a sua escravidão, a sua fortuna, tôdas as montras de Picadilly e todos os castelos que os avós dêle, Eugénio, tinham construído em Portugal — que nenhum português, nenhum historiador — nem êle próprio — sabia da sua existência... E ante a filmagem de todos êstes prodígios — Dálila mantinha o zero da sua frieza — limitando-se apenas a não o expulsar, a não o insultar, a não o ameaçar... Só ao princípio do quarto mês Eugénio compreendeu a razão porque ela, continuando na mesma asepsia moral contra todos os contágios da sua habilidade e até da sua sinceridade — começava a

suportá-lo como a uma droga de travo insuportável mas necessária para combater um mal superior ao que irrita o paladar... E essa compreensão veio duma noite em que, recebido no seu camarim do S. Teater — a encontrou costurando um enxoval de criança... Curvada sôbre a touca que bordava, à sua chegada, deixou-o observar à vontade o seu

trabalho, sem o olhar, depois ergueu a cabeça e fitou-o, inexpressivamente, com os seus grandes olhos negros — duas noites de inverno no meio dia de sol do seu rosto branco e rosado... Cabriolou o coração do português, dentro do peito, num *looping-loop* de máxima alegria... Não era o facto, em si, que o fazia delirar: era a dedução que se lhe seguira — a quasi certeza da vitória... Não era pelo filho... Era pela mãe... Era por êle... E Dálila, não o desfitara ainda — fria, inexpressiva, penetrante, perscrutadora...

— É possível, Dálila?... Porque não mo disseste há mais tempo?...

Não respondeu. Tombou de novo a cabeça sôbre a touca e continuou costurando...

VII

A criança nasceu morta — mas deu vida à vida; enlaçou estreitamente Dálila e Eugénio; resolveu o seu problema. A maternidade descastelava aquela muralha de rancor, de ódio e sobretudo de despeito que a defendia contra Eugénio, mais por orgulho de mulher civilizada e intoxicada pela ficção da igualdade dos sexos — do que pela lógica mental e moral. A vaidade da sua força fizera da quasi violência de Eugénio uma covardia, uma traição, uma deslealdade — uma brutalidade de selvagem... Depois — a vaidade fôra abafada pelo instinto feminino, reconhecendo, no segrêdo da sua consciência, a sua inferioridade — e sentindo-se atraída pela superioridade dominadora do homem que julgava detestar e cujo amor era agora o alimento da sua vaidade, do seu orgulho — não como mulher igual ao homem mas como mulher que dispõe dum homem que é capaz de a defender.

(Continua)

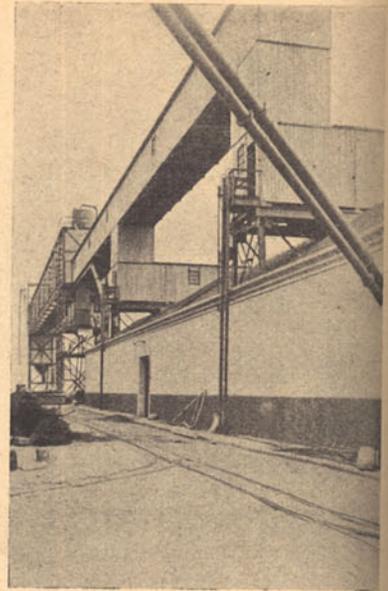




A torre de aspiração junto à amarração dos vapores

UMA NOTAVEL OBRA DE ENGENHARIA

O ASPIRADOR PNEUMATICO-MECANICO DA MANUTENÇÃO MILITAR

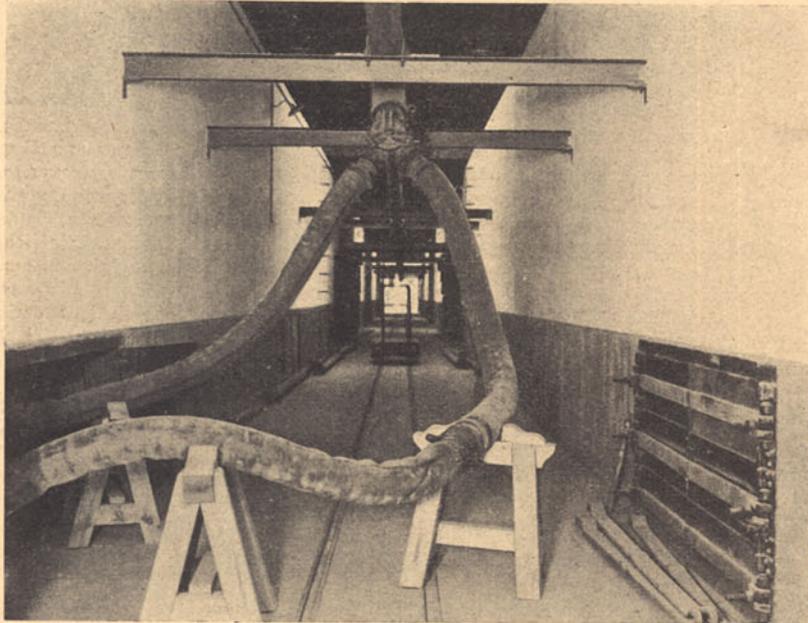


Vista parcial da obra

A Manutenção Militar acaba de ser dotada dum importante melhoramento que se deve à iniciativa do seu ilustre director, sr. tenente-coronel Linhares de Lima, actual titular da pasta da Agricultura.

Naquele importante estabelecimento fabril do Estado foi agora concluida a montagem dum aspirador pneumático-mecânico, para trigo

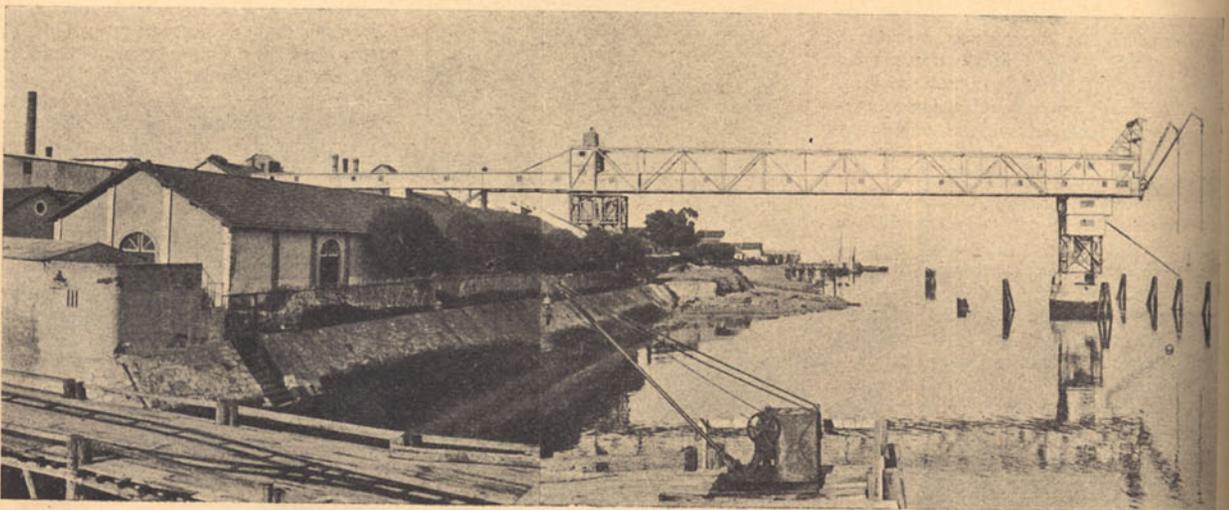
A DIREITA: — O interior dos Silos Gerais com os seus tubos aspiradores



e outros cereais, que permite fazer-se a descarga rápida e directa dos vapores atracados, para os Armazens Gerais e Silos existentes na Manutenção.

Compõe-se a instalação duma ponte lançada da terra para o rio, tendo numa das extremidades, junto ao local da amarração dos vapores a descarregar, uma torre ou estação de aspiração

EM BAIXO: — Vista geral dos Silos Gerais com os seus tubos aspiradores



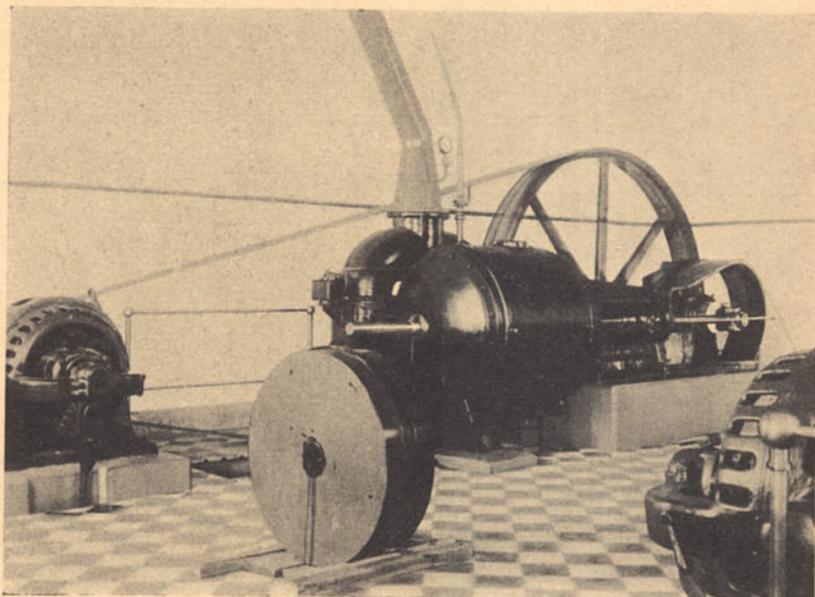


Uma vista da instalação completa, tirada do alto do edifício da Manutenção Militar

e na outra já em terrenos da Manutenção, uma instalação central das bombas de aspiração, produtora do vácuo.

Para efectuar a descarga são introduzidas dentro do porão do vapor duas mangueiras com bocais, accionadas electricamente, pelas quais são aspirados os cereais, subindo até ao topo da tórre de aspiração, caíndo seguidamente numa balança automática, que regista a quantidade do cereal descarregado. Depois da pesagem é novamente elevado o cereal até ao tópo da tórre e daí transportado por meio duma fita ou cinta transportadora, até aos armazens.

Ali, para que a distribuição se faça por todos os compartimentos, são os cereais obrigados a passar por outras fitas transversais, colocadas sôbre os edifícios dos armazens.



A central aspiradora que move tóda a potente instalação

Acresce ainda, que, com esta instalação muito beneficia a qualidade do trigo e dos outros cereais, pois sendo cada grão fortemente ventilado, durante a aspiração, é afastado o inconveniente de ficarem queimados ou com mófo, o que acontece sempre depois duma longa armazenagem nos porões dos vapores.

A instalação descrita, foi fornecida e montada na Manutenção Militar pela importante fábrica alemã Maschinenfabrik Hartmann A. G., Offenbach-Main, que tem realizado as mais valiosas instalações no género em tódas as partes do mundo.



A ESQUERDA: — Outra linda vista da instalação pneumático-mecânica de aspiração

O TENOR E O TOUREIRO

QUE VOLTARAM — A — VIVER

A fotografia que hoje publicamos é de flagrante actualidade porque foi feita recentemente no México e nela figuram dois artistas em foco por circunstâncias conhecidas dos jornais de todo o mundo: Miguel Fleta, condenado a pagar uma multa tão avultada que é quasi tóda a fortuna ganha com a sua voz de tenor portentoso, e o «espada» Ale, que na cara exhibe as cicatrizes duma colhida tão grave que todos o deram por morto, chegando a resarem-lhe solénes exéquias fúnebres em Bilbao, terra da sua naturalidade.

*
* *

Miguel Fleta, que é de Zaragoza e proprietário em Madrid, terá de vender todos os seus haveres para pagar a multa a que foi condenado, terá de voltar a viver de novo, de voltar a reunir o dinheiro que agora perdeu.

Alejandro Saez, Ale, ressuscita para a admiração dos que nele viram dos mais valentes toureiros do seu tempo, e volta para a Europa para tornar a viver os passados triunfos.

Ambos são nossos conhecidos, Ale mais do que Fleta porque muitas vezes toureou no Campo Pequeno, attingindo o *récord* de oito corridas numa temporada, entre inéditas ovações aos seus arrojados *quiebros* e às suas *faenas de rodillas*.

*
* *

Miguel Fleta, divo de fama universal, foi contratado pela Metropolitan, de Nova York, pela bonita soma de mil e trezentos dollars por espectáculo, devendo iniciar o seu contracto em Abril de 1927.

Em Fevereiro do tal ano estava Fleta ainda em Madrid e já pesava sobre elle uma ambígua accusação que determinou uma ordem

do Ministério da Guerra proibindo que lhe fôsse concedido passaporte, a não ser que o acusado apresentasse a ressalva militar ou a prova de ter cumprido os seus deveres para com a pátria. E porque Fleta não apresentou nem uma nem outra coisa, não pôde embarcar para a América.

Como a empresa do Metropolitan reclamasse uma indemnização pelos prejuizos sofridos, e o contracto attribuisse aos tribunais espanhóis o julgamento da causa, decidiram estes, agora, que Fleta pague dezoito mil e oitocentos dólares por não ter obtido o passaporte, ou seja por não ter cumprido os requisitos indispensáveis para obter passaporte.

E Fleta terá de voltar a cantar em todos os

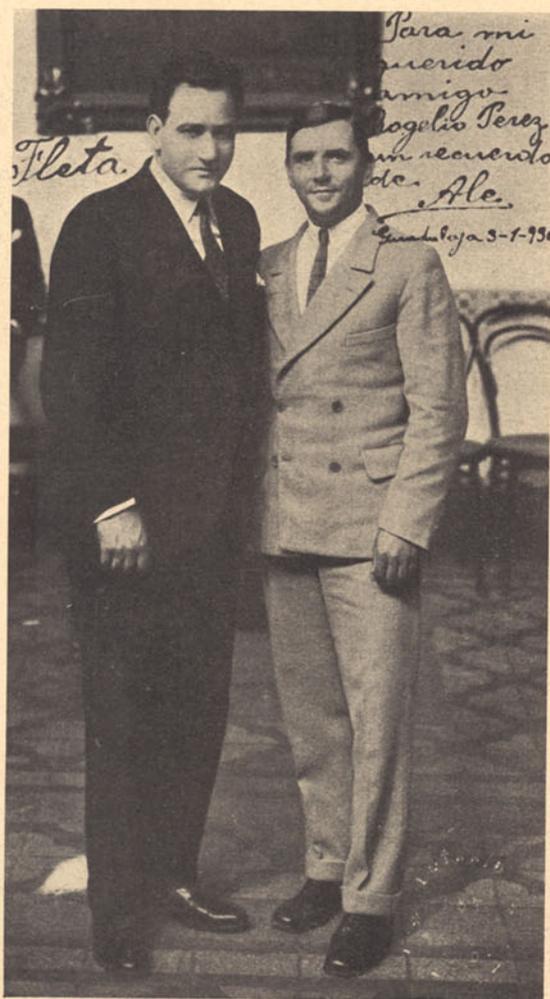
teatros de Espanha e até em todas as praças de toiros espanholas, como já aconteceu, para de novo juntar a fortuna que agora perdeu...

*
* *

Ale, há muitos anos pelas Américas, foi colhido em Jalisco, México, por um toiro ao qual tentava dar o *quiebro de rodillas*. Colhido pela cara, ficou em tal estado que os médicos daquele Estado longínquo o deram por morto, comunicando assim a desgraça para a capital. Do México veio um *cabo* para Espanha noticiando a morte do popular toureiro, e na Península publicou-se o triste fim de Ale, resando-se missas por sua alma e dando por finda a história dum toureiro que foi valente entre os mais valentes.

Assim terá Ale, que por estes dias regressa à Europa, de recommençar a viver, de ressuscitar para os que já o haviam dado por morto...

EL TERRIBLE PEREZ.



A MARINHA DE GUERRA PORTUGUESA INQUERITO AO SEU ESTADO ACTUAL E ÀS SUAS NECESSIDADES MAIS URGENTES

VI

AS CANHONEIRAS E OS NAVIOS AUXILIARES

Canhoneiras são navios especialmente destinados ao exercício de soberania nas colónias, sendo utilizadas algumas vezes em tempo de guerra como navios lança-minas.

Dispõe a nossa Armada de uma força heterogénea de canhoneiras.

Uma de 600 toneladas, a *Pátria*, que está moribunda em Macau, onde há mais de vinte anos presta serviço.

Oito canhoneiras de 407 toneladas, tipo *Beira*. São unidades de reduzido valor pecando por falta de velocidade.

Dois canhoneiras de 350 toneladas, uma delas em construção. Navios movidos a óleos pesados, destinam-se especialmente à fiscalização

da pesca nas costas. Estas unidades têm sido alvo de crítica acesa por parte da oficialidade da armada, crítica na sua maioria condenatória.

Possui a Marinha Nacional ainda um certo número de pequenas canhoneiras e lanchas-canhoneiras, algumas delas em serviço nas colónias de onde já mais voltarão...

As nossas canhoneiras, à excepção da *Pátria*, com a qual já não se pode contar, são pois unidades pouco menos que inúteis.

Necessitamos de canhoneiras tipo espanhol — 900 a 1.000 toneladas — que possam exercer condignamente a soberania nacional nas nossas colónias onde cada vez é mais necessária a bandeira portuguesa.



O navio-hospital «Gil Eanes»

Contra o que disse um dia certo ministro da Marinha entendemos que essas canhoneiras nunca nos farão prescindir de um certo número de modernas unidades: flotilha-leaders e contra-torpedeiros.

Os navios auxiliares constituem numa Armada o chamado «trem naval» valioso elemento, indispensável ao bom êxito de qualquer operação.

Dos nossos navios auxiliares em cujo grupo se encontram algumas unidades de razoável valor, vamos dar em rápida resenha as suas qualidades e deficiências.

Navio-hospital *Gil Eanes*. Antigo transporte de guerra, destina-se especialmente em tempo de paz a serviço de assistência aos pescadores portugueses que lutam pela vida nas brumas da Terra Nova. É um barco com algumas comodidades, podendo dizer-se que desempenha com êxito a comissão de serviço que anualmente lhe é confiada.

Navio-escola *Sagres*. Magnífica unidade no seu género, bastante valorizada com os motores que lhe vão ser introduzidos, graças ao ministro sr. comandante Luís de Magalhães Corrêa.

O *Sagres* foi adquirido pelo antigo ministro da Marinha e prestigiosa figura da nossa Armada sr. comandante Pereira da Silva, constituindo essa aquisição um dos actos mais aplaudidos da sua notável obra ministerial.

Comanda o *Sagres* um oficial de reconhecido valor: o sr. capitão-tenente Cisneiros de Faria, cuja competência e saber bastas vezes foram já postas à prova.

Aviso de guerra *Cinco de Outubro*. Antigo hiato do chefe do Estado. É o navio de estudos hidrográficos em cuja comissão tem prestado os mais relevantes serviços.

Navio de pronto-socorro *Patrão Lopes*. Boa unidade no género, deslocando 1.100 toneladas com 5.000 cavalos de força.

Navio-oceanográfico *Albacora*. Construído na Noruega expressamente para Portugal quando ministro da Marinha o sr. comandante Pereira da Silva.

Navio-faroleiro *Almirante Schultz*. Construído recentemente nos estaleiros de Rouen para a nossa armada. É movido a óleos pesados, tendo realizado há pouco com êxito a sua primeira viagem à costa sul.

Navio-escola de artilharia *D. Fernando*. A velha e já tradicional fragata é utilizada hoje apenas como navio para tirocínio dos aspirantes especializados em artilharia.

Dispõe ainda a nossa Marinha de alguns navios auxiliares, tais como o *Vulcano*, o rebocador de alto mar *Bérrio* e outros barcos de some-nos valor.

O único transporte de guerra que possuíamos — o *Pero de Alenquer* — adquirido também pelo sr. comandante Pereira da Silva, foi vendido há tempo pelo ex-ministro sr. Mesquita Guimarães. Adquiriu-o apenas por 1.200 contos a Companhia de Carregadores Açoreanos. O navio não necessitou de quaisquer reparações porquanto poucos dias depois iniciava viagem para os Açores. E deixamos ao esclarecido critério dos nossos leitores as conclusões que logicamente se devem tirar do estudo feito.

MAURÍCIO DE OLIVEIRA.



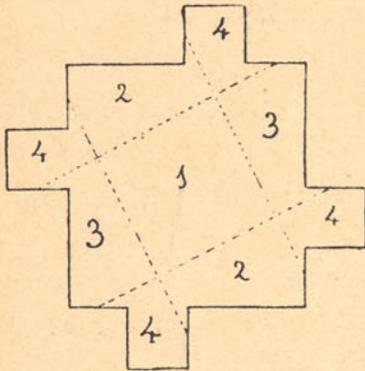
Uma canhoneira navegando a toda a velocidade deixa à sua volta um mar de espuma



Passatempo

UM EXERCÍCIO DE CABEÇA E DE TESOURA

(Solução)



As linhas de pontos indicam por onde se hão-de fazer os cortes. Unindo entre si os pedaços que tem o mesmo número ficarão formados os quatro quadrados menores que o enunciado do problema exigia.

DIVERTIU-SE A GRANDE

EDMUNDO: — O Angelo divertiu-se muito no *pic-nic* dos Soares, no sábado passado?

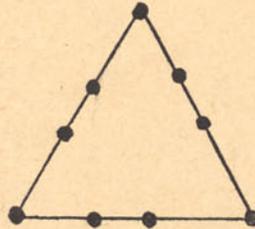
LEOPOLDO: — É de crer que sim! Olha, quando lho perguntei não se lembrava até que tinha lá estado!

■ ■

O TRIANGULO

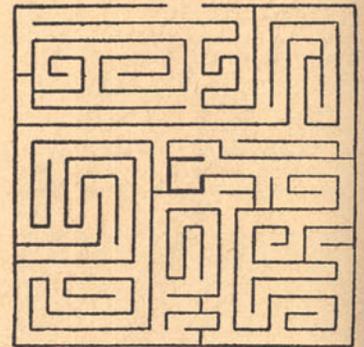
(Problema)

Como será possível acrescentar cinco pontos e sete linhas, no desenho junto, por forma que haja quatro pontos, nem um mais nem um menos, em cada uma das dez linhas?



que haja quatro pontos, nem um mais nem um menos, em cada uma das dez linhas?

LABIRINTO



■ ■

QUATRO «LITERATOS»

Representava-se no antigo teatro D. Maria II, agora Nacional, uma peça nova.

No intervalo do terceiro para o quarto acto, um dos espectadores da plateia geral perguntou a um desconhecido que lhe ficava ao lado:

— O senhor não poderá fazer-me o obséquio de me dizer se esta coisa é em prosa ou em verso?

— Olhe, meu caro visinho, respondeu o outro, eu estou tão endefluxado que ainda não pude formar o meu juízo a êsse respeito.

— É em prosa com suas fumaças de verso, acudiu um do banco detrás, que tinha pescado o diálogo.

— Perdão, meu senhor, atalhou outro do banco de diante, é em verso, mas tão naturais que parecem prosa.

O nome do autor da peça é que nós, ainda que o soubessemos, não diríamos.

■ ■

PREVENÇÃO

A DONA DA CASA (para a criada em perspectiva): — Gosta de crianças?

A FUTURA CRIADA: — Olhe, minha senhora, é conforme o ordenado.

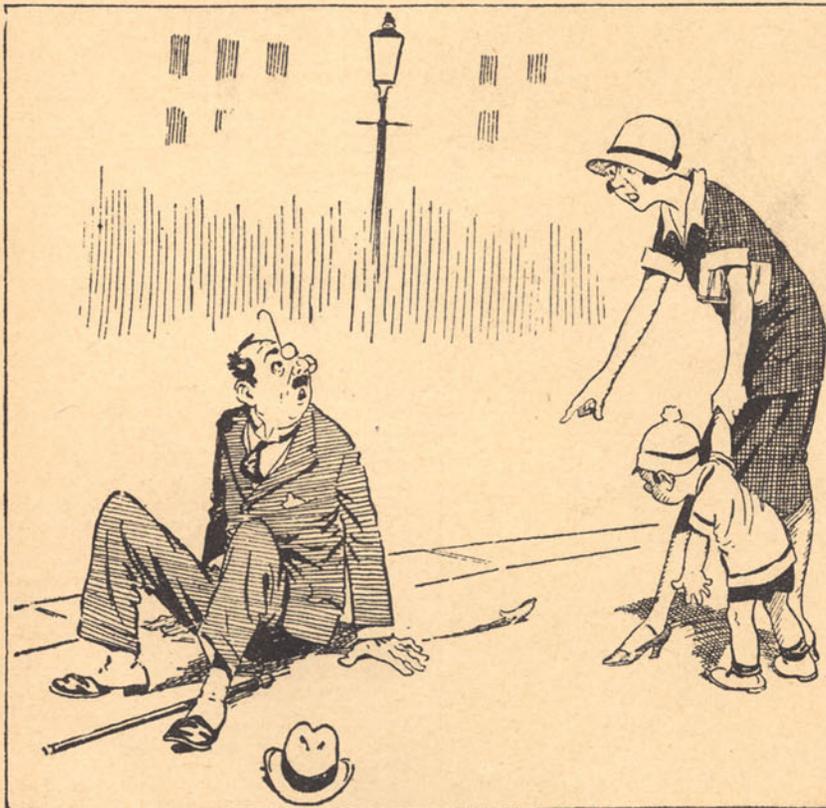
■ ■

O Quim foi mandado tomar conta no irmão pequenino, para o jardim, enquanto em casa se faziam várias limpezas e arrumações.

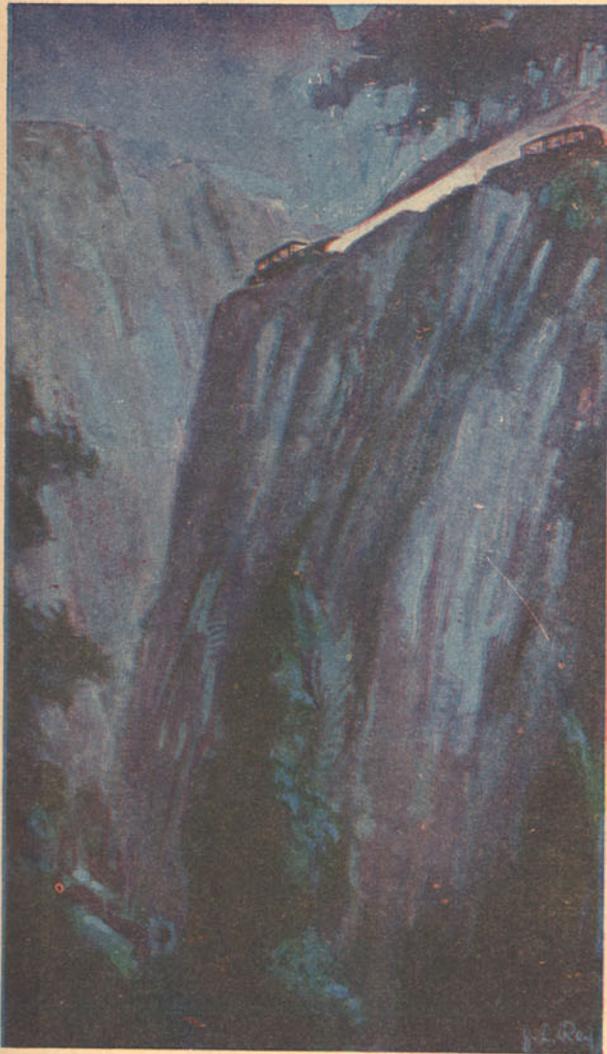
De repente, ouviram-se sons de grande altercação, vindos do jardim.

— O que vem a ser isso, Quim? — perguntou a atarefada mãe.

— Não sei como hei de calá-lo desta vez, mãe. O Néné fez uma cova no chão e quer por força levá-la para casa.

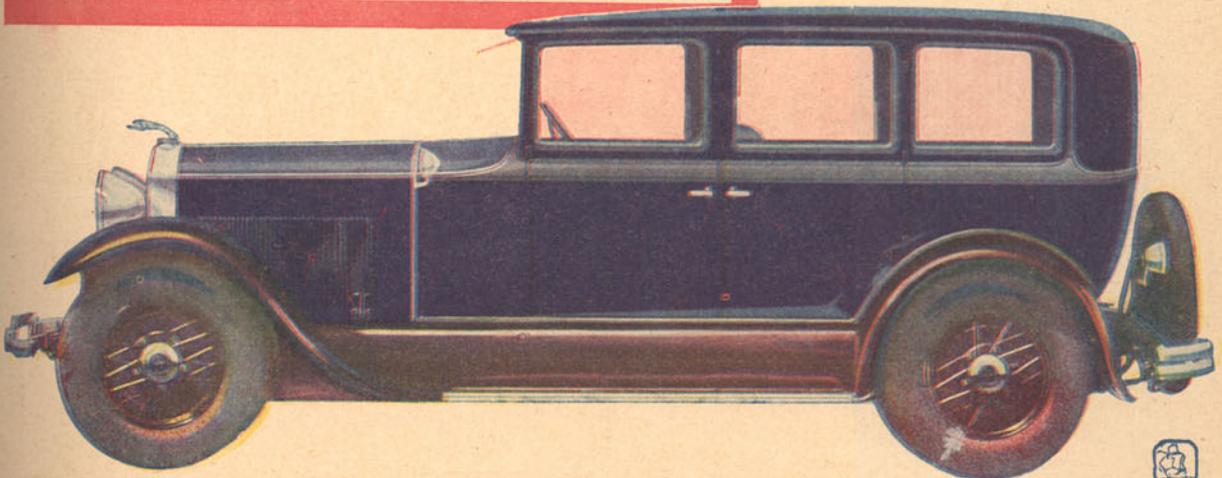


Mãe estremosa: — Seu bruto! Veja o que fez à banana que o meu filhinho deixou cair no chão!



Este automovel, o Lincoln, desliza veloz pelo valle, sobe infatigavel os declives, bordejando com segurança os precipicios... e se de repente um insuspeitado perigo se apresenta, V. Ex.^a pode afrontal-o sem pestanejar, porque sabe que vai n'um Lincoln. O seu motor e os seus travões são sempre seguros e V. Ex.^a pode confiar-lhes a sua propria vida, pois sabe que obedecem docilmente á sua vontade.

LINCOLN



Automoveis Lincoln — Automoveis e camions Ford e Tractores Fordson
FORD MOTOR IBERICA — Barcelona

CALORIFEROS DA VACUUM



Temperatura
da Primavera

*Lá fóra
o inverno*

Lá fóra o inverno. Mas dentro de casa, a temperatura amena da primavera proporcionada por um Calorífero da VACUUM que além da facilidade e segurança de manejo, liga bem com a decoração de qualquer casa e não deita cheiro, quando funciona com



**PETROLEO
SUNFLOWER**